

O Perfil Feminino em Menino de Engenho, de José Lins do Rego:
Uma abordagem sócio-lingüístico-cultural
nos anos 30 - da Casa - Grande à Senzala

MARIA DAS NEVES ALCÂNTARA DE PONTES

João Pessoa
Editora do CEFET-PB
2008

O Perfil Feminino em Menino de Engenho, de José Lins do Rego: Uma abordagem sócio-lingüístico-cultural nos anos 30 - da Casa-Grande à Senzala
Copyright© 2008 by Maria das Neves Alcântara de Pontes

Todos os direitos reservados e protegidos. Proibida a duplicação ou reprodução deste volume ou parte do mesmo, sob quaisquer meios, sem autorização expressa da autora e dos editores.

Diretor Geral João Batista de Oliveira Silva

Diretor de Ensino	Raimundo Nonato de Oliveira Furtado
Dir. de Ex. e Assuntos Comunitários	José Avenzoar Arruda das Neves
Diretora de Pesquisa e Pós-Graduação	Nelma Mirian Chagas de Araújo Meira
Dir. de Adm. Planejamento e Finanças	Carlos Roberto de Almeida
Diretora de Desenvolvimento Institucional	Claudiana Maria da Silva Leal

CONSELHO EDITORIAL

Profa. M.Sc. (Pres.) Mônica Maria M. de Oliveira	Profa. Dr ^a Maria Cristina Madeira da Silva
Profa. M.Sc. Claudiana Maria da Silva Leal	Profa. M.Sc. Mônica Maria Souto Maior
Prof. Dr. Augusto Francisco das Silva Neto	Prof. Dr. Neilor César dos Santos
Profa. Dr ^a Francilda Araújo Inácio	Profa. Dr ^a Nelma Miriam C. de Araújo Meira
Prof. Dr. Jefferson Costa e Silva	Prof. Dr. Paulo Henrique da Fonseca Silva
Prof. Dr. Lafayette Batista Melo	Prof. Dr. Umberto Gomes da Silva Junior
Prof. Dr. Kennedy Flávio M. de Lucena	

Revisão da Língua Portuguesa: Profa. Dr^a. M^a das Neves Alcântara de Pontes
Capa e Diagramação: Wandilson de Souza Silva
Documentação e Normalização: Ivanise Andrade Melo de Almeida
Beatriz Alves de Sousa

Dados Internacionais de Catalogação – na - Publicação (CIP)
Biblioteca Nilo Peçanha – CEFET/PB

- P813p Pontes, Maria das Neves Alcântara de.
O Perfil Feminino em Menino de Engenho, de José Lins do Rego: Uma abordagem sócio-lingüístico-cultural nos anos 30 - da Casa-Grande à Senzala / Maria das Neves Alcântara de Pontes, – João Pessoa: CEFET-PB, 2008.
174p.
Originalmente apresentado como tese pela autora (Pós-Doutorado Universidade Federal da Pernambuco, 2006).
ISBN 978-85-88119-18-5
1. Literatura brasileira-estudo. 2. Estudo sócio-lingüístico.
3. Lexicologia-semântica. 4. Mulher - aspecto sócio cultural. I. Título.

CDU 869.0(81).0

“Assumimos, naturalmente, um lugar que nos pertence. Quem ousará contestar nossa influência direta no cortejo da civilização? Jovem ou senhor. Fazemos a opinião como fazemos a família e daí a necessidade de nossa presença em todas as manifestações da vida com a alta responsabilidade do nosso sexo.” (Extraído do editorial de *A Grinalda*, Nº. 2, Recife, 18 de outubro de 1903.)

Ao meu adorado filho **José Victor Alcântara de Pontes e Souza Leite** – sua presença tem o poder de refazer e revigorar minhas células. Você é a minha cápsula vital.

“Meu bem querer é segredo, é sagrado e está sacramentado em meu coração.”

(Djavan)

À minha queridíssima mãe **Jaci Alcântara de Pontes** – mulher forte e lutadora que povoou a minha infância da fortaleza e do poder da mulher e me passou, pela educação, os elementos essenciais para uma boa formação.

*“Ó mulher tão forte!
Ó invicta Judite!
Que vós alentastes
o sumo Davi!
[...]*

*Qual lírio cheiroso
entre espinhas duras tal sois vós, Senhora,
entre as criaturas.”
(Ofício da Imaculada Conceição)*

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

São tantos! Estes são apenas os mais lembrados para o momento!

- A **Deus** – arquiteto da vida, pela magia da criação, pelo presente da vida dotada de sabedoria, me conduziu aos caminhos da ciência e, neste momento difícil da minha vida, por me carregar no **colo** e me segurar pelas **mãos**, nas horas de incerteza e de insegurança.
- À minha **Orientadora e amiga Prof^a. Dr^a. Nelly M. de Carvalho** – irmã da mesma linha de trabalho que, acreditando em mim, me fez capaz de realizar esta pesquisa, compartilhando o **saber**, repartindo **apoio** e distribuindo **incentivo**, de forma que a orientação metamorfoseou-se em uma profunda **AMIZADE**.
- À Prof^a. Dr^a. **Maria Yara Campos Matos** - Vice- Reitora da Universidade Federal da Paraíba, pela grande mulher que se revelou no meu momento de **DOR**, pelo respeito ao meu trabalho e, sobretudo, pela grande Acadêmica.
- Ao Prof. Dr. **Dermeval da Hora Oliveira** - Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING), pelo apoio e pelas orientações na atividade Acadêmica.
- Ao **Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da UFPB**, por possibilitar condições de realizar a pesquisa.

- À querida **Mônica Maria Montenegro de Oliveira**, amiga, irmã e orientanda sem cujo auxílio não teria sido possível esta publicação.
- À Prof^a. Dr^a. **Nadilza Martins** pelo apoio do referencial bibliográfico relativo à mulher.
- À Prof^a. Dr^a. **Maria do Socorro Silva Aragão**, sempre presente na minha história.
- Às alunas / pesquisadoras **Mônica Martins Negreiros, Izabel Souza do Nascimento, Caline Genise, Maria da Salette Figueiredo de Carvalho, Maria do Socorro Burity Dialectaquiz, Mônica Maria Montenegro de Oliveira e Clécia Maria Nóbrega Marinho** – meu carinho e gratidão.
- Aos meus irmãos **Laelson, Maria José, Eliane, Izabel, Jacilda, Laize e Luiz Antônio** pela força e pela solidariedade nesse meu momento de **dor**.
- À **Maria de Fátima Pimenta; Alessandra Figueiredo B. Fernandes, Juliana Figueiredo Pinto e José Gonçalves da Silva** (Colégio Primeiro Mundo), pelo carinho e pela abnegação comigo e com o meu José Victor.
- Em especial, às amigas **Maria de Fátima Moura, Maria das Graças Moura Lopes de Almeida (Gracinha) e Mônica Maria Montenegro de Oliveira** que, de tanta ligação, solidificamos a amizade traduzindo-se, assim, no fulcro da palavra AMIGO. “Amigo é quem dá um pedacinho de chão, quando é de terra firme que você precisa, ou um pedacinho de

céu, se é sonho que te faz falta. É aquele que dá e não espera o retorno, porque o ato de compartilhar já satisfaz.”

- A **todos**, enfim, que se sintam colaboradores deste trabalho, o meu MUITO OBRIGADA!

APRESENTAÇÃO

O trabalho em tela tem como propósito evidenciar as vozes femininas no discurso dos interlocutores de *Menino de Engenho*, considerando o contexto sócio-lingüístico-cultural nos anos 30, nas diferentes hierarquias sociais, no âmbito do Engenho. Uma abordagem geo-etno-sociolingüística envolverá a análise da atividade lingüística como fato ligado a um falante inserido em um grupo sócio-lingüístico-cultural. É, realmente, no nível léxico-semântico que repousa este estudo, cristalizando assim, o modo de ver e de representar a realidade, caracterizando-se os hábitos e os padrões comportamentais de falantes do universo feminino da obra em estudo. Pretende-se viabilizar este estudo tendo como **OBJETIVO PRINCIPAL** caracterizar os traços marcantes do perfil feminino, nos diversos tipos encontrados na obra, tais como: a senhora do engenho, a professora, as ex-escravas, as negras da cozinha, a sinhazinha, as prostitutas, entre outras, considerando-se as suas inter-relações com a cultura local, na década de 30. Sabe-se que a **figura da mulher** há muito tempo tem sido um tema em constante discussão no campo da Literatura e por pesquisadores de áreas como a Psicologia, a História, entre outras. No campo da Lingüística, este tema é pouco estudado, razão pela qual se pretende realizar este estudo de natureza sócio-lingüístico-cultural, tendo em vista os valores, os conflitos sociais, os costumes vividos pela mulher e retratados por meio da Literatura Brasileira, no nordeste açucareiro, da região do Vale do Paraíba. Para a realização da pesquisa fez-se uma revisão da literatura sobre o assunto, visando à coleta de dados que se destinam à fundamentação teórica, cuja linha de análise pautar-se-á por uma perspectiva geo-etno-sociolingüística. A pesquisa inclui informações sobre José Lins do Rego e sua obra, notadamente sobre a linguagem, buscando-se estudos lingüísticos diversos em que se incluem ensaios, dissertações, teses e artigos, além

de outros. Com base nos princípios que norteiam a pesquisa, este estudo desenvolver-se-á a partir da observação direta da obra de *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego, tendo em vista o registro do nível lingüístico do léxico. Optamos por esse nível, pelo fato de ser o léxico aquele elemento que melhor reflete a realidade física, social e cultural da região, particularmente do universo açucareiro. Considerando os objetivos da pesquisa, optamos, na definição do *corpus*, pela investigação de uma obra representativa no conjunto de obras de José Lins do Rego, bem como da cultura nordestina, da área canavieira, tendo em vista a questão da relação língua-cultura-sociedade. Para a constatação científica, fez-se a observação direta dos fatos em nível lexical, da produção lingüística das personagens femininas de destaque em *Menino de Engenho*, considerando-se a necessidade de contextualização na especificação do significado e, ainda, nas relações dos traços semânticos que envolvem as palavras.

Prof^a Dr^a. Maria das Neves Alcântara de Pontes

UFPB/PROLING

PREFÁCIO

Meta – a gente busca
Caminho – A gente acha
Desafio – A gente enfrenta
Vida – A gente inventa
Saudade – A gente mata
Sonho..... A gente realiza.
(Autor desconhecido)

Pedi-me minha ex-aluna, colega e amiga, há mais de trinta anos, Maria das Neves Alcântara de Ponte, ou simplesmente Nevinha, para fazer o prefácio deste livro, resultado de sua pesquisa de conclusão do Pós-doutorado em Lingüística, na Universidade Federal de Pernambuco.

Apesar do mal que a acometia há alguns anos, pensei que teria tempo de, calmamente, realizar seu pedido. Contudo, o destino quis que este prefácio se tornasse um trabalho *in memoriam*, de minha amiga.

Assim, só me resta, com toda a tristeza que me traz, realizar este último pedido que ela me fez e, do modo mais profissional possível, dar meu testemunho sobre a qualidade de seu trabalho.

O trabalho **O Perfil Feminino em Menino de Engenho, de José Lins do Rego: Uma abordagem sócio-lingüístico-cultural nos anos 30 - da Casa-Grande à senzala**, da professora Nevinha, dentro de

sua área de conhecimento e especialização, analisa a obra *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego, sob os aspectos léxico-semânticos de seu vocabulário, numa abordagem tripartida. A da geolingüística, referente ao aspecto da linguagem regional da obra. A da sociolingüística, referente à linguagem dos grupos sociais da época em estudo e a da etnolingüística, ligada à cultura nordestina, paraibana e açucareira. Tal análise centra-se no estudo das personagens femininas da obra e, através delas, descreve o contexto sociocultural dos Engenhos de Cana de Açúcar da Paraíba, na década de 30.

O trabalho tem uma base teórico-metodológica bastante ampla, incluindo as definições pertinentes à Lexicologia, como estudo científico do léxico, suportada por autores da maior relevância para as pesquisas nessa área de conhecimento. O contexto cultural também é posto em relevo, uma vez que para o tipo de análise a ser desenvolvida, não apenas a linguagem, mas a sociedade e a cultura que permeiam essa linguagem são fatores determinantes dessa mesma linguagem.

Ainda no campo da teoria, a autora faz considerações sobre o papel da mulher, a herança cultural e os arranjos sócio-históricos mantidos entre a Casa-Grande e a Senzala, para, também, localizar geográfica, histórica, social e culturalmente essas personagens tão bem caracterizadas por José Lins.

Ao definir o perfil feminino das personagens, através de suas funções: a senhora do engenho, a sinhazinha, a professora, as escravas, as negras da cozinha e as prostitutas, por exemplo, a autora mostra como cada uma dessas personagens usa de aspectos específicos da linguagem para não só se afirmar, mas, principalmente, para mostrar as diferenças sócio-lingüístico-culturais existentes na época e tão bem definidas por José Lins.

A autora faz, ainda, uma retrospectiva da obra de José Lins como um todo e de *Menino de Engenho* em particular, mostrando as peculiaridades do livro no que diz respeito às personagens femininas da mesma.

A seguir vem a análise propriamente dita, partindo da hipótese de que a linguagem do autor é um retrato da sociedade açucareira da década de 30, especialmente no que diz respeito ao papel da mulher, e a de que se pode reconstituir a história lingüística, social e cultural de uma comunidade ou mesmo de um povo, através da linguagem utilizada pelos autores que tratam dessas regiões, sob os mais diferentes aspectos. Ambas as hipóteses confirmadas pela pesquisa.

Dando continuidade são levantados todos os tipos femininos da obra de José Lins, com suas funções e linguagem específicas, com as características físicas e psicológicas de cada uma delas, sendo feita, a partir daí a árvore dos campos léxico-semânticos das personagens. Cada uma das análises vem com a abonação feita através das citações no original, registradas a partir de *Menino de Engenho*.

Como se pode concluir, a pesquisa da Professora Nevinha segue os princípios teórico-metodológicos da área de Lexicologia, Lexicografia, Sociolingüística e Dialectologia, conferindo à mesma um caráter técnico-científico próprio de uma obra acadêmica.

Por outro lado, o trabalho é mais uma passo dado no conhecimento da linguagem regional-popular nordestina, estudada por alguns pesquisadores, a partir de autores regionais, como também a partir de trabalhos dialetais e geolingüísticos já realizados, como o Atlas Lingüístico da Paraíba e pela pesquisa do Atlas Lingüístico do Brasil – Estado da Paraíba, em realização.

Assim, é com pesar pelo falecimento prematuro de Nevinha, que faço este Prefácio, mas, ao mesmo tempo, é um grande prazer, por ver o crescimento e amadurecimento intelectual de minha amiga e colega, que, mesmo em situação de saúde a mais adversa, teve condições, força e garra para fazer seu Pós-Doutorado e escrever este belo trabalho, de tão grande significação para a Lingüística e para a Literatura paraibanas.

A escolha da epigrafe inicial deste texto, de autor desconhecido, justifica-se uma vez que diz muito bem de Nevinha que cumpriu, com muita sabedoria, muita inteligência, e principalmente com muita determinação, tudo o que o autor disse: ela buscou **Metas**, e as atingiu; ela achou **Caminhos**, e os seguiu; ela enfrentou **Desafios** e os venceu; ela inventou a **Vida** e a viveu; ela matou Saudades, e, acima de tudo, ela realizou **Sonhos**, não apenas profissionais, mas, especialmente, o sonho de uma vida melhor para sua terra, para ela, seus amigos e para seu querido filho José Victor.

Amiga, você foi uma vencedora.

Saudades imensas.

Maria do Socorro Silva de Aragão
Pós-Doutora em Lingüística

SUMÁRIO

Introdução	18
1. Postulados Teóricos	28
1.1 Lexicologia: a Ciência da Palavra e Aspectos da Teoria dos Campos Lexicais	28
1.2 Teoria dos Campos Lexicais	36
1.3 Cultura: Um Conceito Multifacetado	52
1.4 O Papel da Mulher, a Herança Cultural e Os Arranjos Sócio- Históricos: da Casa-Grande À Senzala	62
1.4.1 Padrão de Comportamento e Educação da Mulher Burguesa nos Séculos XVIII e XIX	65
1.4.2 A Mulheres na Visão Nordestina	68
1.4.3 Concepção Cristã Sobre o Casamento e Divisão dos Papéis Relativa aos Sexos	75
1.4.4 Família no Sistema Patriarcal Brasileiro	81
2. O autor e A Obra	87
2.1 O autor: José Lins do Rego	87
2.2 A obra: Menino de Engenho	90

3. Levantamento das Personagens Femininas em <i>Menino de Engenho</i>, de José Lins do Rego	94
3.1 Tipos Humanos Femininos	99
3.2 Inventário e Descrição Léxico-Semântica das Personagens Femininas de Destaque, em <i>Menino de Engenho</i> , de José Lins do Rego	104
3.3 Análise Léxico-Semântico da Personagem na Perspectiva Sócio-Linguístico-Cultural	106
3.4 Outras Personagens Femininas que Compõem a Obra (personagens sem rosto)	132
4. Considerações Finais	134
5. Referências Bibliográficas	140
6. Dados Sobre a Autora	172

INTRODUÇÃO

Pergunta-se: como tudo isso começou? É fácil verificar a dualidade dos sexos e como qualquer dualidade gera conflito. Sem dúvida, o vencedor assumirá o status absoluto. Mas por que os homens teriam vencido desde o início? É possível que a mulher tenha obtido vitória ou o resultado do conflito nunca poderia ter sido resolvido. Então, como é que o mundo sempre pertenceu ao homem e essa situação só recentemente começou a mudar? Essa mudança será boa?

Ela ocasionará uma divisão do mundo em partes iguais tanto para os homens quanto para as mulheres?

(Simone de Beauvoir, **O segundo sexo.**)

Este Livro é parte de um Projeto maior denominado **LINGUAGEM REGIONAL/POPULAR**: uma visão léxico-semântica de *MENINO DE ENGENHO*, DE JOSÉ LINS DO REGO integrante da Linha de Pesquisa Fenômenos Lingüísticos: perspectiva geo-etno-sociolingüística, do Curso de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal da Paraíba.

O Livro em pauta intitulado **O PERFIL FEMININO EM *MENINO DE ENGENHO*, DE JOSÉ LINS DO REGO**, uma abordagem sócio-lingüístico-cultural dos anos 30: da casa Grande-

Grande à Senzala, considera os valores, os conflitos sociais, os costumes vividos pela mulher e retratados por meio da literatura, no Nordeste açucareiro, da região do Vale do Rio Paraíba.

Inúmeras questões voltadas para as manifestações culturais brasileiras, que se refletem no discurso, têm sido levantadas e novas abordagens têm surgido à luz de teorias lingüísticas mais recentes, calcadas em pressupostos teóricos da Lexicologia, da Sociolingüística, da Etnolingüística, da Semântica, da Geografia Lingüística e, sobretudo, da Análise do Discurso.

No que diz respeito à Sócio e à Etnolingüística, isto é, ao estudo do inter-relacionamento língua-sociedade e língua-cultura, a linha divisória é muito próxima, isto porque uma análise sócio-etnolingüística de uma língua envolve a relação do fato lingüístico como criação de um indivíduo falante e, portanto, inserido em um contexto sócio-lingüístico-cultural. Como se pode observar, essas ciências estão muito próximas e seus objetos de estudo se complementam, razão por que estudar uma língua requer, também, a análise das características socioculturais do grupo a que ela serve de meio de comunicação, e, conseqüentemente, de interação social.

A Sociolingüística e a Etnolingüística têm dado explicações sobre a língua como veículo de manifestações socioculturais e têm conseguido

avanços significativos na investigação da língua como reflexo da cultura.

A temática deste livro não é nova. A ela se reportam análises históricas e antropológicas com a finalidade de resgatar a cultura, a linguagem regional/popular – objeto principal do presente estudo – referendando a posição do Nordeste açucareiro, frente às demais regiões do país, com suas características significativamente marcantes na prática da cultura da cana-de-açúcar, certamente a principal fonte econômico-cultural de diversas épocas, determinante de ciclos econômicos. Tal cultura constituiu uma parte importante e mais autêntica, não apenas da identidade nordestina, mas da identidade nacional, isto é, da cultura brasileira.

A escolha, *a priori* pela obra ***Menino de engenho***, de José Lins do Rego, deveu-se à sua importância para o estudo lingüístico-regional – matriz temática dessa proposta, uma vez que essa obra retrata, com muita clareza, a vida sociocultural dos engenhos do Nordeste, apontando as mazelas da dominação da aristocracia rural privilegiada, da sociedade patriarcal, bem como, do lado oposto, a degradante condição dos “cabras” do eito, e, principalmente, **o papel da mulher nos anos 30.**

Sua utilização como fonte de estudos e pesquisas, em diferentes campos, reflete a riqueza de informações da obra do Autor paraibano,

impregnada de espírito regionalista, pois retrata, com muita propriedade, a problemática rural da zona açucareira nordestina, vazada numa narrativa de afetividade, numa linguagem simples, muito próxima à fala dos contadores de história, a partir dos termos usuais de conteúdo semântico e cotidiano utilizados. Essa carga semântica do signo abre perspectivas para as mais diversas interpretações, o que confere ao texto de *Menino de engenho* a oportunidade de escolha de um corpus passível de ser explorado dentro de uma variedade de aspectos e entre os quais o sócio-lingüístico-cultural.

A perspectiva sob a qual se realizou a leitura da obra não foi, predominantemente, a literária, mas a sociocultural, com base na linguagem, envolvendo o inter-relacionamento língua-cultura-sociedade, e considerando as informações obtidas no texto como documentação digna de crédito para comprovação científica.

É importante considerar, também, que não se pretende fazer pesquisa biográfica em torno do autor José Lins de Rego, mas de ver em uma de suas obras os elementos lingüísticos trabalhados, num enfoque etno-sociolingüístico. Pensou-se, pois, numa abordagem léxico-semântica, priorizando-se, desse modo, a linguagem regional/popular, cuja temática retratasse a situação da **mulher** nordestina, seus anseios, seus conflitos, seus problemas, e, conseqüentemente, sua linguagem interagindo com o seu meio físico.

Para a sua realização, foi feita, inicialmente, uma revisão bibliográfica a fim de adquirir subsídios para o suporte teórico em que se fundamentará a análise. Orientaram as reflexões tanto princípios teóricos (em especial da Lexicologia e da Semântica), da Sociolingüística e da Etnolingüística, quanto textos específicos sobre a obra do Autor e dicionários gerais como específicos da língua regional, além de uma literatura específica sobre a mulher, considerando-se o contexto da obra em estudo.

A contribuição que se pretende dar ao estudo em questão repousa, sobretudo, na influência de manifestações socioculturais, no âmbito feminino, e na sua interação com a língua, na obra em análise. Optou-se pela análise do nível lexical, uma vez que o léxico é o elemento móvel mais sensível às mudanças culturais, que torna possíveis os diversos momentos de realização da língua, revelando os interesses culturais de uma determinada comunidade. Desse modo, é o léxico, mais do que qualquer outro elemento lingüístico, que expressa a mobilidade das estruturas sociais, refletindo a condição dinâmica da língua.

Realmente, uma abordagem de natureza etno-sociolingüística envolverá a análise da atividade lingüística como fato ligado a um falante inserido em um grupo sócio-lingüístico-cultural. É, pois, no **nível lexical** que se cristaliza o modo de ver e de representar a

realidade, caracterizando-se os hábitos e padrões comportamentais dos falantes, notadamente pelo **papel da mulher** dos anos 30.

Torna-se evidente o sentido da escolha do romancista paraibano, considerando-se sua própria formação e criação no ambiente do engenho. É nessa vivência que o Autor busca a substância fundamental para a tecitura de sua obra, vinculada à cultura da região em que viveu. Sua obra tende a se constituir num documentário do panorama social da década de 30, do ponto de vista do narrador, neto do senhor de engenho. Reflete o apogeu e o declínio da aristocracia rural açucareira, suas histórias, o mistério da vida dos engenhos, seus conflitos sociais, seus costumes, suas crenças, enfim, o seu universo.

Um estudo apressado da língua, nesse âmbito, feito sem base nessa realidade, não poderia atingir seus objetivos de forma plena. Sabe-se que, para se entender uma língua, é imprescindível conhecer-se a realidade do povo que a fala, a sua maneira de pensar, de agir, seus valores, enfim, conhecer os elementos significativos para a explicação da vida de uma sociedade, isto é, caracterização da realidade sociocultural de seus indivíduos.

Dentro da problemática do tema e a fim de viabilizar condições para a consecução dos objetivos desta pesquisa, as hipóteses básicas são as seguintes:

- A linguagem de José Lins do Rego em *Menino de engenho* se coaduna com a tradição sociocultural do mundo dos engenhos, notadamente nos anos 30, tendo em vista o **papel feminino** da Casa-Grande à senzala;
- É possível delinear a história de um povo, suas tradições, seus hábitos, credences, costumes, a partir de uma análise detalhada de sua língua; de sua cultura e da sociedade em que se encontra inserido, com destaque especial para o papel desempenhado pela MULHER;
- Em função das especificidades do léxico da época e da cultura da região, é possível se estabelecer um quadro sociocultural envolvendo a obra em estudo, sobretudo nos aspectos do **cotidiano feminino**.

Levando-se em conta as hipóteses estabelecidas, pretende-se analisar a linguagem regional/popular na obra *Menino de engenho*, de José Lins do Rego, escritor paraibano, a quem coube o papel principal de intérprete da cultura da cana-de-açúcar, no Nordeste, em especial, na Paraíba. *Menino de engenho* (1932), juntamente com *Doidinho* (1933), *Bangüê* (1934), *Moleque Ricardo* (1935), *Usina* (1936), e posteriormente, *Fogo morto* (1943), movimentam, sob caracterizações diversas, os mesmos personagens, as mesmas lutas, os mesmos

interesses, os mesmos anseios, no panorama da cultura canavieira, de base patriarcal, retratando a tradição, o apogeu e a decadência dos engenhos com o advento das usinas de açúcar.

Pretende-se viabilizar a pesquisa buscando-se como **objetivo geral** caracterizar os traços marcantes do perfil feminino no contexto da obra em estudo, considerando-se as suas inter-relações com a cultura canavieira.

E como **objetivos específicos** pretende-se:

- Analisar a linguagem utilizada por José Lins do Rego, mostrando aspectos peculiares da região e da cultura canavieira, além de aspectos contextuais ligados à obra na caracterização de **personagens femininas**;
- Caracterizar as manifestações culturais e as representações literárias da temática regionalista, retratando o dia-a-dia cultural como paradigma da cultura brasileira no que tange ao **perfil da mulher**.

Fizemos uma revisão da literatura sobre o assunto, visando à coleta de dados que se destinam à fundamentação teórica de um trabalho cuja linha de análise pautar-se-á por uma perspectiva geo-etno-sociolingüística.

Incluimos informações sobre José Lins do Rego e sua obra, notadamente sobre a linguagem, buscando-se estudos lingüísticos diversos em que se fazem presente ensaios, dissertações, teses e artigos, além de outros.

Com referência ao levantamento bibliográfico, selecionamos uma das obras literárias do escritor José Lins do Rego que se situa no ciclo da cana-de-açúcar.

No tocante à obra de José Lins do Rego, coletamos as mais diversas informações sobre o Autor e sua obra, no contexto do Regionalismo nordestino.

De interesse para a fundamentação teórica, buscou-se suporte nos estudos relativos à Semântica, Sócio e Etnolingüística, Lexicologia, Falares Regionais, Lingüística Geral, Antropologia Cultural, além de uma literatura específica sobre a **mulher**.

Este estudo desenvolver-se-á a partir da observação direta da obra *Menino de engenho*, de José Lins do Rego, tendo em vista o registro do nível lingüístico do léxico. Optou-se por esse nível, pelo fato de ser o léxico aquele elemento que melhor reflete a realidade física, social e cultural da região, particularmente do universo açucareiro.

Considerando os objetivos deste livro, optou-se, pela investigação de uma obra representativa no conjunto de obras de José Lins do Rego, bem como da cultura nordestina, especificamente da área canavieira,

tendo em vista a questão da relação língua-cultura-sociedade, e porque todas as nossas pesquisas estão voltadas para este universo.

Para a constatação científica, é necessária a observação direta dos fatos da produção lingüística dos personagens em *Menino de engenho*, em nível léxico-semântico, considerando a necessidade de contextualização na especificação do significado e, ainda, nas relações dos traços semânticos que envolvem as palavras. Os termos e expressões apresentam-se tais como aparecem no contexto da obra. Será utilizado a 24ª edição de *Menino de engenho*, de José Lins do Rego, Rio de Janeiro: José Olympio, 1977, com a finalidade de apresentar a significação dos elementos lingüísticos e extralingüísticos do universo feminino a serem analisados no contexto regional da obra em questão.

1. POSTULADOS TEÓRICOS

1.1 LEXICOLOGIA: a ciência da palavra e aspectos da Teoria dos Campos Lexicais

A Lexicologia é a parte da Lingüística que se preocupa com o estudo científico do léxico e tem por objeto as unidades do universo lexical. Sua legitimidade como ciência, sua definição, sua área de abrangência já foram bastante questionadas entre os estudiosos, visto que o léxico, como sistema aberto e em expansão, diferentemente do nível fonológico, é difícil de receber uma abordagem sistêmica e, ainda, uma formalização rígida de regras.

O tratamento dado ao léxico tem propostas teórico-práticas oriundas das mais diferentes correntes da Lingüística moderna, sobretudo do Estruturalismo, do Gerativismo e mesmo da convergência de ambas, e da Pragmática, além de outras.

BIDERMAN (1978, p.131) em suas pesquisas sobre o léxico, considera o estudo do léxico com uma longa tradição, já na Lingüística Românica e assinala também a produção de trabalhos de grande prestígio em três áreas da Lexicologia:

- A Semântica evolutiva ou história das palavras;
- O domínio conhecido como o de “palavras e coisas”;
- A geografia lingüística.

Convém considerar que a autora citada (1981, p.131) põe em evidência a relação entre o léxico e a cultura, nas três áreas por ela apresentadas, além de citar trabalhos de grande representatividade no estudo do léxico, enfatizando, assim, “os laços íntimos que ligam o léxico à cultura”.

Coseriu (s.d.), em seus estudos, introduz o termo Lexemática para substituir a designação de Lexicologia, mostrando que a sua perspectiva de análise tem seu ponto de partida no conteúdo lexicológico. Para ele, a significação lexical - objeto da Lexemática - é concebida como conteúdo das palavras lexicais e distingue-se de outros tipos de significado. Além disso, a significação, entendida como significado de palavras individuais, também se distingue das significações categorial e instrumental, do significado frásico, das significações sintáticas e ônticas - como valor de existência presente nas frases. Tais são as ditas **palavras sem significação lexical** (preposições - instrumentos gramaticais e os pronomes - categoremias).

Como se observa, a análise funcional da Lexemática, apresentada por Coseriu (s.d.), hierarquiza o tratamento do léxico e confere autonomia ao significado lexical. Nesta perspectiva, traça, o referido autor, os princípios básicos da Lexemática: a funcionalidade, a oposição, a sistematicidade e a neutralização, além de estabelecer uma rigorosa distinção entre séries gramaticais e séries lexicais.

Nas décadas de cinquenta e sessenta, com a Teoria da Informação, a Lexicologia sofreu um grande impulso, já com outro enfoque teórico, conduzindo a uma grande produção de trabalhos e pesquisas dirigidos a estudos quantitativos e probabilísticos em torno do léxico. Surge, então, a preocupação de estudiosos e pesquisadores da Lexicologia com a distinção entre as unidades significativas, motivando-se para a delimitação da **unidade lexicológica**. A esse respeito, suas opiniões diferem, de forma considerável, de um para outro. Os questionamentos dos cientistas se dão, por vezes, numa tentativa de elucidar qual deve ser o objeto da Lexicologia - a ciência do léxico, já que este não deve ser considerado somente como o conjunto de palavras ou o vocabulário de qualquer falante de uma língua. É preciso entender o léxico, também, como o conjunto de vocábulos que cada indivíduo retém na memória e que possibilita a transmissão de pensamentos, idéias, desejos, emoções, a cada ato de fala.

Nesse sentido, BIDERMAN (1978, p.81) considera que “A geração do léxico se processou e se processa através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência, cristalizada em signos lingüísticos: as palavras”.

Em torno da definição de **palavra**, os investigadores da Lingüística assumem concepções muito diversas, provocando, por isso mesmo, um número significativo de terminologias e, conseqüentemente, numerosas tendências quanto à sua concepção e quanto ao seu uso.

Os gregos consideravam a **palavra** como a unidade significativa de articulação do discurso. Entretanto, essa posição fundamental nos gregos foi por demais contestada por muitos estudiosos e lingüistas da atualidade.

Observe-se o que diz BIDERMAN (1978:73), em torno do conceito de **palavra**: “A noção de palavra varia conforme o nível de consciência do falante”.

A autora considera impossível definir a **palavra** de maneira universal. Trata-se de uma unidade psicolingüística que se materializa

no discurso e que só pode ser identificada, delimitada e conceituada no interior de cada língua. Ela se respalda nos princípios que norteiam a hipótese de Sapir-Whorf, em que se recorta a realidade diferentemente e molda essa realidade em categorias lingüísticas e mentais que lhe são exclusivas. E considera que não se pode, então, dar um valor absoluto ao conceito de **palavra**.

Pensando assim, BIDERMAN (1978, p.85) afirma que: “Os seus contornos formais situam-na entre uma unidade mínima gramatical significativa - o morfema - e uma unidade sintagmática maior - o sintagma”.

Vilela (1979), em seus estudos sobre o léxico, também revela interesse na delimitação da unidade significativa - **a palavra**. Esse pesquisador, ao tratar da unidade básica do léxico, considera ser a **palavra** o elemento significativo que constitui o sistema basilar da língua. Embora reconhecendo as várias acepções que o termo pode assumir, tais como **palavra, palavra léxica, sintagma, item lexical, lexema, lexia**, entre outras, considera o lexema como a principal unidade do léxico. Para VILELA (1979, p.115), “A palavra léxica (ou mais propriamente o lexema) apresenta a relação imediata língua-realidade extralingüística. Contudo, tem-se normalmente como certo

que o conceito de palavra com que a lingüística trabalha é uma noção refletida e empírica”.

A **palavra** - unidade de base da língua - apresenta uma série de dificuldades para sua delimitação, visto que apresenta uma especificidade de conceitos nas diversas línguas. E é no caráter polissêmico de que algumas são portadoras que reside a dificuldade da estruturação do léxico.

Observe-se o que ainda esclarece VILELA (1979, p.17): “Se a palavra é difícil de definir, a intuição dos falantes apercebe-se dela e assegura que ela existe”.

Para POTTIER (1975, p.23), a **palavra** “é a unidade mínima construída” Para ele, a **palavra** ou **lexia** tem uma definição componencial em cada língua, admitindo uma hierarquia semântica no seu interior.

A **palavra**, que Pottier denomina **lexia**, é susceptível de ser estudada no quadro das relações paradigmáticas e sintagmáticas. Para ele, toda lexia de uma língua será considerada integrante de uma estrutura a ser examinada segundo dois eixos: **eixo paradigmático** - o eixo das substituições - nele se observam as comutações possíveis em

um mesmo segmento do enunciado, isto é, no contexto lingüístico intrafrástico; e **eixo sintagmático** - o eixo das combinações – em que se examinam as possibilidades combinatórias da palavra na cadeia falada, com as variáveis de significação, produção da significação no percurso sintagmático e diferentes efeitos de sentido que daí resultam.

LYONS (1979, p. 202-18), considera que “a palavra é a unidade por excelência da teoria gramatical tradicional” uma vez que serve de base de distinção entre a Morfologia e a Sintaxe.

Finalmente, para Scliar Cabral (1985, p.154), “definir uma palavra sempre foi uma das questões polêmicas em lingüística, apesar de o falante nativo ter uma intuição bastante nítida quanto à delimitação dessa unidade”.

O estudo lexicológico moderno parte da noção de **palavra** definida como unidade de significação formada por elementos foneticamente articulados e inseparáveis, com possibilidades de comutação em níveis hierárquicos, em que se tem, por exemplo, o sintagma ou a frase.

Uma vez reconhecido seu estatuto científico, a Lexicologia passa a empregar métodos e técnicas de análise e de descrição, segundo as proposições teóricas de diferentes e sucessivas correntes contemporâneas.

Nessa perspectiva, passar-se-á a discutir a teoria dos campos lexicais cujos fundamentos servirão de base à análise que se propõe.

1.2 Teoria dos Campos Lexicais

“El significado de cada palabra depende del significado de sus vecinas conceptuales. Todas se unem en la tarea de introducir límites diferenciadores en el bloque del contenido, inarticulado de la conciencia, de organizarlo y harcelo inteligible conceptualmente”. (IPSEN, 1924)

A teoria dos **campos lexicais** constitui um dos caminhos metodológicos para se estudar o vocabulário de uma língua, sendo tais estudos, reconhecidamente, considerados como método válido na organização, explicação e descrição das estruturas semânticas de recortes do léxico, tomados como objeto de análise. Esse modo de articulação do léxico em **campos lexicais** recebeu denominações diversas, conforme o ponto de vista de análise e o interesse de seus autores. E entre essas denominações podem ser citadas: **campo semântico**, utilizada por Ipsen (1924), Jolles (1934) e Porzig (1934). Weisgerber fala dos **campos léxicos**. Trier (1976) evita o termo *campo semântico*, estabelecendo a diferença entre **campo lexical** e **campo nocional**. Bally (1977) trabalha com a denominação **campo associativo**. Guiraud (1972) introduz **campos morfossemânticos** e Matoré (1953) propõe os **campos nocionais**. A variação terminológica e até mesmo conceitual que envolve esses estudos exige que se escolha

aquela que melhor se ajuste aos objetivos de uma determinada pesquisa/estudo.

Apresentamos o léxico numa perspectiva sociocultural, em que serão analisados os componentes lingüísticos e não-lingüísticos, isto é, o mundo de experiência do falante, o contexto, a realidade em que vive, para se chegar à significação da palavra. Escolheu-se, assim, a denominação de **campo léxico-semântico**, que procura atender tanto à noção de **campo lexical**, quanto à de **campo semântico**. Optou-se por associar os dois conceitos por se considerar o princípio da necessidade do contexto na especificação do significado e, também, por considerar-se que **léxico-semântico** refere-se ao conjunto de lexemas que reúne semas comuns, observando-se suas relações com elementos extralingüísticos e estabelecendo uma relação de significado. Procura-se, assim, analisar as palavras lexicais, traduzindo aspectos do ambiente físico, social e cultural da obra em questão, os quais se refletem no léxico regional, considerando-se o contexto em que estão inseridas.

A noção de campo lexical remonta a povos antigos, sobretudo a filósofos gregos, dentre os quais se destacam Demócrito e Aristóteles. Já naquele tempo, se nota uma orientação para uma Semântica Estrutural, como se pode ver nas obras de Heyse (1856), Tegner (1874), Meyer (1910), Saussure (1916), Ipsen (1924), Trier (1931), Jolles

(1934), Porzig (1934) e Humboldt (1936). É especialmente a partir de especulações de Humboldt que a concepção de campo se desenvolveu, ganhando maior relevo neste século.

Em 1856, quando se deu a publicação de uma pesquisa sobre a análise do campo lexical do vocabulário alemão, Heyse dá início aos estudos nessa esfera do conhecimento humano. Em 1924, Ipsen apresentava o termo *campo semântico*, para designar esse tipo de estudo. Deve-se a ele a primeira idéia explicitamente formulada a respeito de **campo**. Em 1931, Trier apoiado em estudos anteriores, tais como nas idéias de sistema, de valor e de paradigma existentes na língua, bem como no princípio da solidariedade entre as palavras - a noção de **Rede Associativa** desenvolvidos por Saussure e ainda na idéia de articulação de Humboldt. Todos contribuíram largamente para os estudos da Semântica Lexical.

A definição de **campo** apresentada por Trier considera que os conceitos cobrem todo o âmbito do real, constituindo, assim, realidades vivas intermediárias entre as palavras (isoladas) e a totalidade do vocabulário, salientando-se a importância do contexto para o significado.

É essa idéia que é, hoje, difundida em, praticamente, todos os manuais que tratam do assunto. Lehrer(1974) apud REHFELDT, (1980,

p.91) aprofundando mais a definição apresentada por Trier considera que “é um grupo de palavras estreitamente relacionadas entre si, pelo significado, geralmente resumidas por um termo geral”.

ULMANN (1964, p. 510-511), em suas investigações sobre Semântica, faz referências às pesquisas sobre a organização e sistematização do vocabulário, estruturadas em três planos: o das palavras isoladas, o das esferas conceptuais e o do vocabulário como um todo.

A esse respeito, considera que:

Trier elaborou a sua concepção dos campos como sectores estreitamente entrelaçados do vocabulário, no qual uma esfera particular está dividida, classificada e organizada de tal modo que cada elemento contribui para delimitar os seus vizinhos e é por eles delimitados.

A noção de **campo semântico** estabelecida pelo filósofo alemão Trier, como se percebe, é uma teoria bem aceita pelos estudiosos do assunto e tem como precursor o filósofo Herder (1770) cujas idéias foram desenvolvidas por Humboldt, servindo de diretrizes não só para Trier como para Weisgerber.

Nos trabalhos de Trier é patente a profunda influência das idéias humboldtianas sobre sua concepção de **língua** e de **campo**. Com

certeza, pode-se afirmar que a concepção lingüística de Humboldt constitui o nexó fundamental entre Trier e Weisgerber. Considera-se, então, que o elo existente entre eles são as idéias de Humboldt, de que ambos comungam, constituindo, assim, o fundamento do **campo trieriano**.

Observe-se o que afirma Trier: apud GECKELER (1976, p.113), “La articulación es la característica esencial más general y más profunda de toda lengua”.

Como se observa, em seus estudos, Trier fundamentou-se na sistematização dessa teoria, nos posicionamentos de Saussure, Humboldt e Weisgerber. Por isso, as idéias de **totalidade, estrutura e articulação** são os pontos basilares e relevantes da teoria dos campos. (Cf, TRIER, *ibidem*, p. 117-8)

A pesquisa dos estudos relativos aos **campos semânticos** sugere ser essa teoria um dos mecanismos que melhor se adequam à estruturação e investigação do léxico, contribuindo, consideravelmente, para o desenvolvimento da Semântica Léxica Moderna.

Humboldt (1936) fundamenta-se no princípio da **articulação**, considerando que as palavras de uma língua formam uma **globalidade articulada**, que o sistema integrado de vocábulos está interligado pelo sentido, formando determinados domínios parciais, subordinando-se ao todo. Demonstra, ainda, que o vocabulário de uma comunidade lingüística pode ser estruturado de acordo com o sentido expresso através de um entrelaçamento de elementos que possuem algo em comum.

Veja-se o que diz Trier apud GECKELER (1976, p.123), em torno dos campos:

Campos son las realidades lingüísticas vivas, situadas entre las palabras individuales y el conjunto del vocabulario, que, en cuanto totalidades parciales, tienen como característica común con la palabra el articularse y, con el vocabulario, el organizarse.

Para Trier, o estudo concernente à segmentação da linguagem em campos constitui uma das maiores contribuições à Teoria do Significado. Apesar de não se usar de exatidão e clareza, na sua nomenclatura, foi Trier o responsável pelo progresso significativo dos estudos léxicos e, tema que se constitui, hoje, em importante marco para a Semântica Moderna. Suas colocações, na formulação e sistematização da **teoria dos campos** estimularam numerosas investigações posteriores

e têm o mérito de formular uma teoria que vem sendo aplicada aos estudos do campo lexical.

Já recentemente, Nida (1975) apud REHFELDT (1980, p.91), afirma que, para qualquer língua, um **campo semântico** consta de significados que possuem traços semânticos em comum. Em suas análises, considera que o tamanho de um campo, sua relevância e o nível da estrutura hierárquica em que funciona dependem, exclusivamente, da estrutura da língua, na sua forma globalizada.

No prosseguimento dos estudos relativos aos **campos semânticos**, é notória a importância do lingüista francês Matoré (1953) que, numa orientação semelhante à de Trier, confere uma visão nova ao conceito de **campo**, atribuindo uma maior importância aos critérios sociais. Em seus estudos, observando os diferentes estados de língua, Matoré consegue detectar a presença de palavras novas dentro da comunidade, como marco de alguma inovação surgida. Os vocábulos, denominados por ele - **palavras testemunha**, ocupam um papel de destaque; marcam, por sua vez, a existência de um campo nocional, que retrata a sociedade de uma determinada época. Para ele (1953, p.37), “a palavra analisa e objetiva o pensamento individual, tendo um valor coletivo: há uma sociabilidade própria da língua”.

Assim entendida, a palavra deveria ser estudada dentro de conjuntos, classificados hierarquicamente, partindo de uma análise das estruturas sociais. Daí entender-se a relação **língua-cultura-sociedade** formando um todo indissociável que não é ensinado, senão adquirido nas experiências de mundo e nas situações ou acontecimentos do dia-a-dia.

Como se percebe, para Matoré (1953), as palavras não deveriam ser estudadas isoladamente, mas em conjunto, formando **campos nocionais**, cuja importância está bem definida nas idéias de ULMANN (1964, p.523).

Um campo semântico não reflete apenas as idéias, os valores e as perspectivas da sociedade contemporânea; cristaliza-as e perpetua-as também; transmite às gerações vindouras uma análise já elaborada de experiência através da qual será visto o mundo, até que a análise se torne tão palpavelmente inadequada e antiquada que todo o campo tenha que ser refeito.

Estudiosos outros, como Ipsen, Porzig, Jolles constituem nomes que devem ser também mencionados entre os que se preocuparam com as pesquisas e estudos em torno da teoria dos campos semânticos.

PORZIG (1934) apresenta investigações posteriores a Trier, e sua concepção de campo está fundamentada a partir de relações de oposição

que unem sintagmas. Para ele, os sintagmas se agrupam através de relações essenciais de significados que ocorrem, tanto no eixo das relações sintagmáticas, como no eixo das relações paradigmáticas. Porzig chama a atenção para as relações semânticas entre os grupos e as denomina de **relações semânticas essenciais**. Verifica-se, assim, que o posicionamento de Porzig diverge da concepção de Trier, visto que este considera, como já se disse, os campos uma globalidade articulada, uma estrutura em que as palavras constroem campos parciais e estes, por sua vez, subordinam-se ao todo e essa organização tem por base o nível das relações paradigmáticas.

Com idéias apoiadas em Saussure, a noção de paradigma justificaria o fato de que, fora do discurso, as palavras apresentam algo em comum, seja o lexema, seja o gramema ou uma analogia em seus significados, podendo formar tantos campos associativos quantos forem as relações existentes entre eles.

Enfatizando o poder associativo que o elemento lingüístico evoca, diz SAUSSURE (1975 p.146): “Um termo dado é como o centro de uma constelação, o ponto para onde convergem outros termos coordenados cuja soma é indefinida”.

E acrescenta o mestre GENEBRINO (1975, p.146): “Uma palavra qualquer pode sempre evocar tudo quanto seja suscetível de ser-lhe associado de uma maneira ou de outra”.

Dessas considerações apresentadas, entende-se que a noção de **valor saussuriano** estaria ligada às formas lingüísticas do sistema com as quais estabelece relações. O valor assim descrito é uma potencialidade significativa que depende, ao mesmo tempo, da língua e do seu uso. Por participar do sistema é que uma palavra adquire uma significação, isto é, um valor.

Como se percebe, as idéias de Saussure já apontam em direção ao conceito de **campo**, já que ele se antecipa, de modo intuitivo, ao caráter paradigmático do léxico.

Por isso mesmo, GECKELER (1976, p.104), em suas observações, considera que: “El gran lingüista ginebrino puede ser considerado como un precursor de la idea de campo”.

Weisgerber, dando continuidade aos estudos iniciados por Trier, retomou a teoria, aprofundando-a. O referido autor conceitua o campo

lingüístico considerando que este abarca tanto os **campos léxicos** como também os **campos sintáticos**.

Weisgerber apud GECKELER (1976, p.126) o conceito de **campo lingüístico** apresenta o conceito de campo lingüístico enfatizado: “Un campo lingüístico es una sección de entremundo de la lengua materna, constituída por la totalidad de un grupo de signos lingüísticos que coopera en una articulación orgánica”.

Segundo ele, no âmbito da análise lingüística, os campos lexicais por ele assim denominados, aplicam-se ao conteúdo lingüístico; além de estudar a estruturação dos campos de forma teórica e prática, distingue dois níveis de articulação: os campos unidimensionais e os pluridimensionais, tendo em vista que a essência da língua é a verbalização lingüística do mundo.

O autor apud GECKELER (1976, p.127) considera que:

La mayor importancia de la idea del campo es la de haber llegado a ser concepto metodológico central de la investigación aplicada al contenido lingüístico y, al mismo tiempo, la clave para el descubrimiento de una visión lingüística del mundo. La tarea fundamental de la lexicología aplicada al contenido está en la existencia y en la estructura de los campos léxicos existentes en una lengua.

Fala ainda de três tipos de campos léxicos, que apresentam características distintas, segundo o seu domínio:

- Campos léxicos do domínio dos “fenômenos naturais”.
- Campos léxicos do domínio da “cultura material”.
- Campos léxicos do domínio “do espiritual”.

Dentre estes, os campos do **domínio espiritual** ocupam uma importante e especial posição.

Convém assinalar que a sua teoria fundiu-se com o pensamento desenvolvido por Trier, sendo divulgada numa concepção lingüística única denominada **Teoria Trier-Weisgerber**.

Para Vilela (1979, p.46), “Weisgerber é não só o continuador de Trier, como teórico dos campos lexicais, como ainda o seu reformulador, ao enquadrar a teoria de Trier numa teoria lingüística mais completa, com mais precisão de doutrina e método e com maior clarificação terminológica”.

Weisgerber recebeu severas críticas, uma vez que sua concepção estava sombreada pela figura do **mosaico**, introduzida por Ipsen, na qual todos os investigadores da área se espelhavam para estudar os campos.

Segundo Geckeler, a questão da imagem do **mosaico**, estabelecida por Ipsen, na teoria dos campos, funciona como uma relação recíproca entre as unidades léxicas.

Observe como Trier apud GECKELER (1976, p.167) emprega a imagem que tomou de Ipsen:

El lugar en el que [la palabra], rodeada por ellas [las vecinas] se sitúa como pequeña pieza dentro del grande mosaico de la capa de signos, determina su contenido; este lugar le asigna a la palabra qué parte del bloque total de los contenidos psíquicos en cuestión delimita y representa mediante el signo.

Entretanto, a bibliografia crítica sobre a teoria dos **campos** parece conduzir à conclusão de que a comparação do **mosaico** não corresponde à realidade da língua, salvo em casos particulares.

Ulmann apud GECKELER (1976, p.168), em suas análises sobre a figura do **mosaico**, assim se pronuncia: “La nitidez con que las palabras

se delimitam mutuamente y construyen una especie de mosaico, sin lagunas ni intersecciones, se ha exagerado extraordinariamente.”

Na concepção de Gipper apud GECKELER (1976, p. 169), não se deve entender o termo **campo** como imagem no sentido de **mosaico de palavras**, mas como um campo em que as palavras não existem isoladamente, que entre elas há relações recíprocas.

Coseriu avança na teoria, criando uma **tipologia de campos**, determinando o campo léxico dentro das estruturas lexemáticas como uma estrutura primária paradigmática. Neste caso, **paradigmática** significa que os lexemas que estão à disposição em um determinado lugar, formam um paradigma, um sistema de oposições.

Assim Coseriu apud GECKELER (1976, p. 232), define o campo lexical:

Un campo léxico es, desde el punto de vista estructural, un paradigma léxico que se origina por la distribución de un continuo de contenido léxico en diferentes unidades, dadas en la lengua como palabras, que están reciprocamente en oposición inmediata mediante rasgos distintivos de contenido simples.

Esta concepção de campo não se constitui numa oposição à teoria na linha Trier-Weisgerber, mas uma ampliação na linha estrutural que, segundo ele, era sustentada por bases intuitivas, enquanto esta se manifesta na introdução de uma terminologia coerente e, sobretudo, no emprego de um método que repousa em procedimentos lingüísticos.

Para ele, os conceitos fundamentais que pertencem ao **campo léxico** são: o lexema, o arquilexema e o sema. Os lexemas são membros que funcionam em um campo léxico, enquanto o arquilexema é uma unidade que corresponde a todo o conteúdo de um campo léxico.

Como se percebe, Coseriu reconhece um fundamento maior para uma tipologia de campos, uma prévia classificação das oposições lexemáticas.

HAENSCH (1982), em suas observações, sobre o assunto, chama as unidades léxicas, em geral, de **lexemas**, enquanto um lexema cujo conteúdo é idêntico a todo um campo léxico denomina de **arquilexema**. Entretanto, esse elemento, na concepção de Pottier, representa um **arquisemema**.

Enfim, as análises realizadas em torno da teoria dos campos demonstram as diferentes abordagens dadas à questão e os pontos divergentes entre os lingüistas constituem contribuições significativas para os estudos lexicais.

Do exposto, depreende-se que os **campos semânticos** de um léxico refletem a sociedade em que estão inseridos, fornecendo amplo material para estudos que envolvem a tríade **língua-cultura-sociedade**, isto é, numa perspectiva sócio-etnolingüística.

Nessa perspectiva, passar-se-á a estudar, no capítulo seguinte, a Teoria do Relativismo Lingüístico, cujos fundamentos apóiam-se na Hipótese Sapir-Whorf, fazendo, portanto, necessária uma visão sucinta do conceito de **Cultura**.

1.3 Cultura: um conceito multifacetado

Para que se entenda melhor a interdependência **língua-cultura**, julga-se pertinente algumas reflexões sobre o termo **cultura**.

Cotejando a história e entendendo a cultura como produto de um desenvolvimento histórico, de um diálogo social, fixados dentro de diferentes “universos de discurso”, pretende-se sublinhar alguns conceitos de **cultura** para responder a questões sobre a natureza de mecanismos lingüísticos e de seu inter-relacionamento com a vida social.

O termo **cultura** é abrangente e controverso, tendo surgido inicialmente, como resposta à emergente industrialização e à democracia política na Europa no decurso dos séculos XVIII e XIX. Antes desse período de profundas transformações sociais, na civilização urbana de países como França e Inglaterra, **cultura** coincidia com o termo “civilização”. Esses dois conceitos indicavam um ideal humanista positivo do desenvolvimento do homem, pelo poder da razão. **Cultura**, em seguida, começou a ser considerada à parte e com sentido contrário ao de civilização.

O distanciamento gradual desses termos constituiu um sintoma de declínio da crença no ideal iluminista do conhecimento, criando, assim, um espaço que começava a se abrir entre os conceitos de cultura e civilização. Nessa linha de raciocínio, surge o posicionamento de Herder, no limiar do movimento romântico, constituindo uma das primeiras formulações a ressaltar a noção de expressões culturalmente variáveis da vida humana, nas artes e nos costumes de um povo.

A **cultura** tornou-se, assim, a metáfora para o processo de crescimento espiritual do homem. Essa posição acentuou-se com o surgimento do industrialismo, da racionalização do trabalho e do desenvolvimento do capitalismo.

Dessas considerações, observa-se que a **cultura** tornou-se guardiã dos valores da humanidade, em oposição ao predomínio do princípio da troca e ao efeito desumanizador da perda da comunidade. Dentro dessa perspectiva, contrastando com a progressiva mecanização da vida e com a mentalidade quantificadora que a acompanhava, a **cultura** pautava-se por critérios qualitativos e, por conseguinte, gerava modelos de perfeição. Desse modo, à medida que se expandia a sociedade industrial, a **cultura** passou a ser considerada, de forma acentuada,

como uma esfera superior e separada, assim, do progresso técnico da civilização. Já o ideal de educação defendido pelos mecanismos da **cultura** era concebido mais em termos de crescimento livre e criativo do homem integral, uma espécie de fim em si mesmo.

O conceito de **cultura** era utilizado para designar, ora uma denúncia, ora uma alternativa para a sociedade. Esse pensamento de **cultura** como arte, literatura, esfera superior, destacada na sociedade, tornou-se um tipo de defesa compensatória das noções de criatividade, imaginação e espontaneidade. Nessa separação entre a cultura e o social é que reside o seu conceito ambivalente.

Como se percebe, ao se trabalhar com o conceito de **cultura** recomenda-se que se defina ou, pelo menos, que se tente determinar o seu significado, visto que a sua noção, como já foi mostrado, é complexa, tornando-se difícil determinar o que ela vem a ser, uma vez que o termo engloba não apenas valores espirituais, mas também materiais, além de qualidades inerentes ao homem e ainda, aquelas por ele adquiridas ao longo de sua vida e, por conseguinte, da sua evolução.

Na definição de HOLANDA (1986) “Cultura é o complexo dos padrões de comportamento das crenças, das instituições e doutros valores

espirituais e materiais transmitidos coletivamente e característicos de uma sociedade”.

Há, ainda, um outro conceito de **cultura** que muito contribuiu para o desenvolvimento do pensamento socialista. É o de cultura caracterizando todo um modo de viver. Tal noção de cultura brota da reação romântica ao Iluminismo. Essa concepção postulava uma compreensão genérica da realidade social como uma totalidade abrangente em que se expressava o “espírito” de um determinado povo.

Essa corrente deu origem ao que se designou como “conceito diferencial” ou “conceito antropológico” de **cultura**, constituindo-se como um meio especificamente humano, que surge como resultado da incompletude do homem em sua capacidade biológica. Assim entendido, a própria possibilidade da **cultura** é o atributo genérico do homem. E a capacidade genérica para a **cultura** se radica na capacidade humana da linguagem, que não deve ser confundida com a formação de uma simbologia, também presente na esfera do mundo animal.

A esse respeito, observe-se o pensamento de SCHELLING (1990, p. 31-2): “A linguagem humana abrange especificamente a combinação

de símbolos capazes de expressar relações entre coisas, indivíduos e acontecimentos”.

Esse atributo de estruturar e ser estruturado, instala-se na base do conceito de **cultura** como **Práxis**, pois, como já ficou evidenciado em outras passagens deste trabalho, é através da **Práxis** que o homem não apenas se adapta ao mundo, como o transforma.

É ainda a mesma Autora (1990, p. 32) que acrescenta:

Por um lado, o homem como um ser natural depende da natureza; por outro, sua capacidade de estruturar o mundo através da Práxis dota-o com uma certa liberdade para ultrapassar os limites postos pela natureza.

Assim, a **cultura**, numa visão mais antropológica, torna-se um substantivo coletivo para padrões de comportamento socialmente adquiridos através da tradição - linguagem, costumes, crenças e instituições. Pensando desse modo, torna-se ela um processo social, que modela diferentes formas de vida, constituindo, portanto, uma totalidade complexa.

Para SCHELLING (1990, p. 32): “A cultura, segundo a definição antropológica, é um fenômeno “supra-individual”. Ela é aprendida,

partilhada e adquirida, tornando-se permanente através do tempo e independente de seus portadores.”

Há, entretanto, autores que dão mais ênfase ao conceito de **cultura** quanto ao aspecto de produção, de coisa constituída, ainda que, nesse contexto, entrem os “objetos imateriais”.

Observe, nessa perspectiva, o que diz PERES (1977), em seu *Dicionário de pesquisa social*:

Cultura é o conjunto de objetos materiais e imateriais produzidos pelo homem enquanto ser racional e necessários à satisfação de suas necessidades. A cultura é transmitida de geração e geração por via social e não biológica. Daí ser chamada também de herança cultural.

GRAMSCI (1990, p.35) entendia a **cultura** como:

Intimamente ligada à vida social: os movimentos sociais e os conflitos entre classes, que faziam avançar o desenvolvimento histórico; as instituições da sociedade civil, particularmente a escola e a igreja, onde em larga medida se formava a consciência, a linguagem e a visão do mundo dos indivíduos.

Essa noção de **cultura** reflete-se sobre todos os aspectos da vida social, dando ênfase à igreja e à escola, visto que elas são responsáveis

pela consciência crítica, pelas informações, enfim, pelo próprio conhecimento de si mesmo. A **cultura**, segundo SCHELLING (1991, p.38) era assim entendida, como uma esfera ligada à sociedade, e, por conseguinte, ligada à **Práxis** - como processo coletivo entre o “conhecimento sistemático dos “intelectuais” e a “filosofia” espontânea do povo”.

ORTIZ (1994, p.142) apresenta uma definição de **cultura** como fenômeno lingüístico: “A cultura enquanto fenômeno de linguagem é sempre passível de interpretação, mas, em última instância, são os interesses que definem os grupos sociais que decidem sobre o sentido da reelaboração simbólica desta ou daquela manifestação.”

CÂMARA JÚNIOR (1980, p.20), entende a **cultura** como o “conjunto de todas as criações humanas”.

É difícil estabelecer um conceito único de um termo tão complexo e de relevada importância quanto o de **cultura**. Cada uma das definições apresentadas pode, entretanto, ter utilidades para finalidades diversas, dependendo do objetivo a que o pesquisador se propõe. No caso específico deste texto é relevante, de modo particular, a **cultura** em seu

sentido antropológico, em seus aspectos voltados para a **cultura popular**.

A temática da **cultura popular**, como o próprio nome indica, traz, no seu bojo, o conceito de povo. Normalmente, essa problemática da **cultura popular** é assimilada à noção de folclore, estabelecida sobretudo pelos folcloristas.

Não interessa compreender essa relação criticamente, mas, na medida do possível, trazer elementos para uma análise de natureza etno-sociolingüística envolvendo, é claro, este campo da cultura brasileira. Entretanto, apesar da diversidade de conceitos, a noção de **cultura popular**, enquanto folclore, traz à baila a idéia de “tradição”, agindo de forma dinâmica no mundo da **Práxis**.

Nessa perspectiva, FERNANDES (1994, p.70), define a **cultura popular** como: “O saber tradicional das classes subalternas das nações civilizadas.”

Essa concepção conduz à tese da existência de uma dicotomia estrutural da sociedade. No entender do referido autor, ter-se-ia, então, uma elite caracterizando a fonte promulgadora do “progresso” e outra,

as classes subalternas, responsáveis pela permanência das formas culturais. O elemento conservador permanece, implicando, assim, um processo de “sacralização” da sabedoria popular. Concebe-se, desse modo, uma possível autenticidade das manifestações populares, opondo-se a movimentos de transformação da realidade.

Essa concepção conservadora da **cultura popular** é, entretanto, questionada por estudiosos, a partir da afirmação de Gullar (1994, p.72), como: “a tomada de consciência da realidade brasileira” e não uma “concepção do mundo das classes subalternas”.

A esse respeito, GULLAR (1994, p.72), acrescenta ainda: “A cultura designa um fenômeno novo na vida brasileira”.

Como se observa, a noção definida por esse estudioso, de certo modo, desvincula-se do caráter conservador que até então lhe era atribuído, rompendo a identidade entre folclore e **cultura popular**, esta definida em termos de transformação e aquele interpretado como as manifestações culturais de cunho tradicional. No entender do poeta maranhense, a **cultura popular** não é uma concepção de mundo das classes subalternas, nem os produtos artísticos elaborados pelas camadas populares, mas “um projeto político que utiliza a cultura como elemento de sua realização”. Nessa perspectiva, o termo se reveste de

uma nova conotação, significando, portanto, uma função política dirigida ao povo.

Sob a classificação de **cultura popular**, são consideradas, também, outras manifestações culturais. O teatro, como revalorização dos temas brasileiros, a música, o artesanato, as tradições folclóricas e as tradições populares regionais.

A **cultura popular** parece, portanto, peculiar às sociedades modernas urbanizadas e industrializadas.

Enfim, entendendo a sociedade como um conjunto sistemático de um determinado *modus vivendi*, a **cultura** é essa forma de organização de vida comunitária. Em sentido inverso, se considera a sociedade um agregado de relações sociais, a **cultura** é, assim, o conteúdo dessas relações. Mas a cultura popular não é estática evolui com a evolução da sociedade

1.4 O papel da mulher, a herança cultural e os arranjos sócio-históricos: da Casa-Grande à Senzala

O familismo subjaz a um Nordeste patriarcal, açucareiro e monocultor. *Um Nordeste, berço da civilização brasileira, acolhedor de famílias*, receptivo à terra vermelha do *massapê* e sujeito ao voluntarismo do *patriarca*, senhor de muitas vidas e de muitas mortes.

Nesse jogo de arranjos domésticos, a *casa-grande*, circundava a Zona da Mata num gesto de imperialismo monopolizante. A *mulher* esteve congregada à ação familiar, dela não se afastando em nenhuma ocasião. Preservou a casa, educou os filhos, acudiu o marido nas obrigações matrimoniais, copulou para procriar, adoeceu em partos e mais partos, acabando por fenecer diante da morbidade de uma concepção às escuras. QUINTAS (2000 p. 51)

As questões relativas à mulher sempre se constituiu em estudos e pesquisas nas mais diferentes correntes do pensamento e em diferentes épocas.

Serão evidenciados, os aspectos sócio-históricos e culturais, considerando-se certas diferenças gerais e quase que universais que caracterizam o papel feminino na década de 30, no universo da região açucareira do nordeste, na égide do patriarcalismo rural, na obra *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego, retrato particular da cultura nordestina, seus hábitos, costumes, tradições, crenças e enfim, todo o sistema de valores para referendar uma visão lingüística, no âmbito do

léxico-semântico. De sorte que, nesta relação, novas explicações e análises serão norteadas por visões antropológicas, sociolingüísticas, históricas e sócio-psicológicas, ainda assim, algumas vezes, insuficientes para considerar a extensão que o assunto exige, já que trabalhar-se-á com valores, sexo, educação, características emocionais pertinentes à **mulher** tais como serem as grandes responsáveis pelos cuidados do filho (relação mãe-filho), apresentam mais limites sociais por isso mesmo, mais dependentes. Estas situações se apóiam nas diferenças culturais entre as mulheres em relação aos homens.

No campo da Antropologia, por exemplo, a preocupação em compreender e mudar a posição feminina gerou numerosas questões tais como: as mulheres são por natureza inferiores aos homens? Quais os motivos que levaram as mulheres a aceitarem a posição subordinada? Esses questionamentos suscitaram interesses novos e, por conseguinte, novas respostas. É preciso reconhecer, portanto, preconceitos, subordinação, figuras invisíveis ao tratar de um assunto tão instigante quanto o da mulher.

De um modo geral, nas sociedades contemporâneas, há o domínio masculino de alguma forma, embora a subordinação feminina varie muito, de sorte que a desigualdade dos sexos, hoje em dia, é um fato universal, na vida social, e este reflexo vem historicamente de épocas remotas, de uma aristocracia patriarcalista em que a mulher

culturalmente servia muito mais para o trabalho doméstico ou quando para profissões de pouco prestígio tais como costureiras, bordadeiras, professoras, como se pode perceber nesse estudo.

Discutir sobre a questão feminina no contexto da formação da sociedade brasileira, inapelavelmente nos remeterá ao tema família; este parece ser o eixo central, através do qual se desvelam os conflitos socioculturais, os antagonismos existentes entre os sexos, entre as classes e mesmo, entre as raças, as construções ideológicas (convenções culturais).

Quando nesse trabalho fala-se sobre a condição da mulher, reporta-se, sobretudo, ao perfil patriarcal que, na visão do sociólogo pernambucano Gilberto Freire, configurou-se nas relações sociais, nos limites do engenho ou fazenda, a partir da conquista e divisão de terras brasileiras, ainda, no início da colonização, e, num segundo momento, com o intenso movimento migratório das populações rurais para a cidade. Consideramos neste estudo, as posições sociais para referendar o reflexo na **língua**, notadamente, nas relações entre **léxico** e **cultura**.

1.4.1 Padrão de comportamento e educação da mulher burguesa nos séculos XVIII E XIX ¹

Educadas estritamente para saberem lidar com o ambiente doméstico, de modo a desenvolver um perfil próprio de esposa, as moças da classe alta e média na sociedade brasileira dos séculos XVIII e XIX viviam, desde cedo, à espera de um marido. Chegava a puberdade e já era tempo das meninas deixarem os lares, de infância tão pouco vivida, para dedicar-se a nova vida de casada.

Alicerçado pelo ideal romântico de uma vida feliz, marcada pela paixão e pela moral cristã religiosa, o casamento era, para as jovens das classes alta e média de nossa sociedade, do século XIX, o *sonho* de realização.

Para SAFFIOTTI (1979, p. 168), foi a falta de perspectiva de um sistema educacional de qualidade, de um lado, que tornou a mulher burguesa, durante a fase de colônia e de império no Brasil, e, de outro, a falta de expectativa da sociedade para com o sexo feminino, o que a tornou vulnerável à figura do homem (pai/marido): “Tudo indica que a mulher branca da casa-grande, abafada pela rigidez da educação que

¹ Este texto constitui objeto de estudo, sob nossa orientação, retratando a figura feminina em folhetos de cordel: aspectos sócio-lingüístico-culturais, Dissertação de Mestrado da aluna Caline Genise, com nossas reflexões já para o mundo dos engenhos.

recebia, pela falta de instrução e pelas sucessivas maternidades, submetia-se à autoridade do pai ou do marido.”

Não raras vezes, essas moças eram obrigadas a casar contra a vontade, mesmo não se conformando com a escolha do esposo, feita pelo pai. Em geral, o casamento, mesmo na segunda metade do século XIX, dava-se com o objetivo último usufruir de vantagens econômicas e políticas, poder e prestígio social.

O outro destino que se podia cumprir na vida das moças, com exceção do matrimônio, era a vida celibatária. Restava, pois, tomar para si, ou a vida de solteira, junto dos pais, ou, a vida religiosa, num convento.

Ter uma “vida de solteira” era para a mulher da época, nessas instâncias, bastante desvantajoso – uma vez que, teria de continuar a mercê de seu pai e dependente financeiramente deste, impossibilitada de ter vida pública, a não ser em companhia da mãe, além disso, não usufruiria seu papel sagrado de mulher (esposa e mãe), tendo apenas o *consolo* de poder cuidar dos sobrinhos STEIN (1984, p. 30) – como é sabido, a maternidade era estimulada e verdadeiramente glorificada pela Igreja, mas apenas para a mulher casada. A *mãe solteira* (note-se que não havia como hoje o há uma correspondência do termo para o masculino – *pai solteiro*) carregaria o peso da culpa e estaria exposta à

censura, em geral acompanhada de todo tipo de obstáculo que se prestam a todas as mulheres nestas condições.

Enclausurar as filhas desobedientes em conventos foi, para os pais da classe dominante, a solução ideal para que estas se conservassem ainda donzelas. “Não eram raros os casos de internamento de moças solteironas em conventos, quando o pai suspeitava de sua má conduta e, embora menos freqüentes, maridos havia que para aquelas instituições mandavam as esposas inconvenientes.” SAFFIOTTI (1979, p. 169)

Vê-se, por conseguinte, que o único destino satisfatório para a mulher perante a sociedade é o de entregar-se à vida de casada, de total obediência ao marido.

1.4.2 As mulheres na visão nordestina

Na visão nordestina, foi hábito costumeiro as nubentes mostrarem seus lençóis íntimos aos parentes, como prova de que tinham sido defloradas pelo esposo nas núpcias. Se não exibissem os panos, aparecia logo o prognóstico, - *Aquela que não mostra os panos*, - como se pondo em dúvida a condição casta da nubente. “A exibição da prova de virgindade ocorreu do Rio Grande do Norte a Alagoas e, muito provavelmente, para o norte e para o sul dessa região. Identicamente na Espanha e Itália.” (CASCUDO, 1963 apud FARIA, p. 63)

O casamento da elite sertaneja significava um compromisso entre as famílias dos noivos. FARIA (1996, p. 59), revela que a escolha dos noivos foi, muitas vezes, motivo de surpresas para os jovens, muitas vezes, postos diante do outro, pela primeira vez, no dia da cerimônia.

No sertão nordestino, onde as diferenças entre os papéis feminino e masculino foram ainda mais cristalizadas pelo tipo de organização patriarcal que se estabeleceram na região, não era de estranhar que, “Num mercado matrimonial relativamente restrito, e aceito pelos pais e familiares impunham à mulher a condição de aceitar, com resignação, o par que lhe era mais do que sugerido – praticamente imposto – pela família.” FALCI (1997 p. 258)

Sob a providência de saraus nas fazendas, transcritos em livros de memória e diários de família, as cerimônias das filhas dos ricos fazendeiros da região nunca eram realizadas na igreja da redondeza. Nas festas de casamento esbanjavam-se comidas. Nas vésperas, mandava-se matar uma novilha gorda, carneiros, porcos, perus e galinhas. Na sala exibia-se um altar enfeitado cuidadosamente pelas mãos das mulheres prendadas. FARIA (1996, p. 60)

Não foram raras as ocasiões em que a moça, descontente com a escolha do pretendente e enamorada de outro rapaz, deixava-se raptar. A moça raptada era deixada em casa de algum amigo da família importante, que mandava, no amanhecer do dia seguinte, comunicar o fato aos pais.

Caso a moça raptada não se casasse, ficaria mal vista por toda sociedade. Nestas condições, seria preciso “lavar a honra” do pai com a morte ou castração do malfeitor. “A vingança era mandada fazer pelo pai ou irmão para limpar a honra da família, numa sociedade em que a vindita era muito usual e os matadores profissionais nunca faltavam.” FALCI (1997, p. 247)

O casamento das moças fugidias contava com cerimônias bem mais modestas. Com número de pessoas restrito, as mais próximas da família e os padrinhos dos noivos. Após a cerimônia, os noivos se dirigiam, acompanhados do dono da casa em que fora **depositada** a

moça, à residência desta, implorando a benção e o perdão, a maioria das vezes concedidos. FARIA (1996, p. 61)

Muitas filhas de famílias ricas nasceram, cresceram e viram crescer seus filhos sem que tivessem posto o pé fora de suas fazendas. No sertão nordestino, dificilmente as mulheres recebiam instrução diversa daquela reservada as prendas domésticas. Enquanto que os homens eram mandados para estudar fora, as mulheres, quando muito, aprendiam a ler e a escrever, com auxílio de professores contratados por seus pais, em aulas ministradas na própria casa. Mantendo-as, cada vez mais, longe da rua e dos espaços públicos em geral, alguns pais esperavam a *boa educação feminina*.

Nesse sertão de hierarquias rígidas, as divisões de classe distinguiam homens e mulheres, ricos e pobres, escravos e senhores, brancos e caboclos como observa FALCI (1997, p. 242). Entre as mulheres, as diferenças de condição social puseram de um lado, a senhora, a dama, as donas fulanas, estas, eram as categorias de prestígio, **em seguida**, tinha-se as chamadas pipira ou cunha, as teúdas e manteúdas, protegidas por um homem (em geral senhor de engenho, fazendeiro ou chefe de Estado português).

A primeira condição na época para a mulher do sertão era ser branca. A cor pesaria em seu destino.

O ideal de mulher no sertão era ser filha de fazendeiro, alva, herdeira de escravos, de terras e outros bens. FALCI (1997, p. 243)

Quão diferente pode ter sido o destino das mulheres brancas e pobres do das mulheres da elite?

As primeiras mulheres que se tornaram escravas no sertão foram as indígenas, capturadas em combates de sertanejos contra os índios da região, ou pelos soldados bandeirantes que passaram pelas terras indígenas quando se dirigiam ao Quilombo de Palmares no intento de destruí-lo. Conseguindo pôr fim à população negra de origem africana que ali se encontrava, os bandeirantes ganharam escravas negras capturadas e terras do sertão do Piauí e Ceará para criarem gado e constituírem fazendas. (FALCI, p. 243).

O trabalho feminino era visto como menos produtivo e as mulheres tinham uma vida útil menor que a dos homens escravos. Mas apesar disso, as mulheres escravas faziam de tudo – do trabalho agrícola (manejavam a foice e a enxada) – a mulher das camadas populares.

O modo de vida da mulher burguesa do século XVI ao XIX é bem mais conhecido do que o das brancas pobres do mesmo período. A quase completa ausência de registros, dado que ler e escrever eram privilégios apenas para os homens e, em raros casos, algumas mulheres de elite teriam acesso às primeiras letras, era de se esperar a quase

invisibilidade feminina nas classes mais subalternas da sociedade brasileira nesse tempo.

As árduas condições de vida das brasileiras que viveram no período fizeram com que estas entrassem no mundo do trabalho. Aos poucos, foi se estigmatizando as trabalhadoras pobres como mulheres irresponsáveis, acusadas pelo abandono de suas crianças e de seus maridos, como conota a expressão “deixando a casa ao Deus dará”.

No imaginário da sociedade burguesa, o trabalho braçal restringia-se aos escravos, considerados seres irracionais (animais) e inferiores, incapazes de qualquer realização intelectual. Vivendo um dilema, de trabalhar para sobreviver e correrem o risco de serem consideradas mulheres públicas. (FONSECA p. 519)

Mas a moral social que, na época colonial, reforçava a idéia de que as mulheres eram seres submissos e inferiores aos homens, noção impressa pelo sistema patriarcal implantado na colônia e reforçado pela Igreja Católica, no decorrer do processo de urbanização e de industrialização das metrópoles brasileiras (primeiras décadas do século XX), que já contaria com a presença feminina no espaço do trabalho, principalmente nas fábricas, passaria a preocupar os diversos setores sociais, que consideravam o trabalho feminino uma ameaça ao declínio dos lares e à vida em família. “Frágeis e infelizes para os jornalistas, perigosas e indesejáveis para os patrões, passivas e

inconscientes para os militares políticos, perdidas e degeneradas para os médicos e juristas”, assim, era emitido o prognóstico estereotipado da mulher brasileira trabalhadora, no início do desenvolvimento da industrialização em nosso país. RAGO (1997, p. 579)

Na defesa da *honra feminina*, da educação das crianças e da dedicação aos maridos, as investidas do público masculino funcionarão, desde então, no intuito de coibir a sua participação efetiva feminina no trabalho. A mão-de-obra feminina ameaçava, de fato, a norma oficial, como salienta FONSECA (1997, p. 517), “ditava que a mulher devia ser resguardada em casa se ocupando dos afazeres domésticos, enquanto os homens asseguravam o sustento da família trabalhando no espaço da rua.”

Impedidas de ocupar cargos administrativos de maior reconhecimento social, as operárias das fábricas, contratadas no início do desenvolvimento industrial do país, estavam jurídica e politicamente subordinadas aos homens de melhor posição, que tinham acesso aos cargos diretores das empresas, tais como os de mestre, contramestre e assistentes. A elas, era reservado os “serviços de baixo escalão”.

Tal como ocorria na Europa, após o surgimento da industrialização, o trabalho operário, a mão-de-obra muito barata e a opressão eram bem maiores para “aquelas que tinham filhos e precisavam sustentá-los”. Nessa época, os salários eram também muito

baixos, incompatíveis com as altas jornadas de trabalho. Além de tudo, as funcionárias não gozavam de direitos trabalhistas, tais como os que prevêm as leis trabalhistas hoje em dia (férias, décimo terceiro salário, licença gestante e auxílio maternidade, para citar alguns).

A educação como um todo era precária no Brasil. Mas o preconceito classista tornou, ainda mais, insatisfatória a educação feminina do século XIX.

1.4.3 Concepção cristã sobre o casamento e divisão dos papéis relativa aos sexos

O paternalismo brasileiro pareceu contar, em pleno século XIX, com o apoio da Igreja e do Estado para os assuntos mais íntimos.

Concebendo a família como a “célula mãe da sociedade” e uma vez afirmando nela haver os princípios mais sagrados, “a Igreja Católica exerceu durante o período colonial influência preponderante, quase mesmo exclusiva, na formação cultural brasileira”. STEIN (1984, p. 38)

Levando às últimas conseqüências a divulgação da promessa de uma vida feliz, assegurada pela bênção do amor divino, assim proclamava o texto de Leão XIII (Fevereiro, 1880) apud STEIN (1984, p. 39), no *Arcanum Divinas Sapientiae* (sobre a constituição da família), com data de fevereiro de 1880:

O homem é o chefe da família e a cabeça da mulher, esta, todavia, por isso que é a carne da sua carne e osso dos seus ossos, deve submeter-se a obedecer a seu marido, não à maneira de uma escrava, mas na qualidade de companheira, para que não falte nem a honestidade, nem a dignidade na obediência que ela lhe prestar.

Mesmo na segunda metade do século XIX, a forma exclusiva de relacionamento sexual admissível era aquela erigida pelos dogmas

cristãos. À Igreja, coube o papel de influenciar na vida mais íntima dos casais. Impôs, primeiro, que a atividade sexual ocorresse somente após o casamento. Segundo, restringiu o ato sexual com fim único de propagação da espécie humana. Qualquer comportamento sexual que excedesse tal limite, seria, certamente, para a Igreja e, conseqüentemente, para a sociedade, considerado pecaminoso e sujo.

Preocupada com as transgressões provocadas pela devassidão e o pecado de certas mulheres, os padres combatiam, até mesmo nos confessionários, através de pregações e castigos, a natureza nociva da mulher pecadora. Os manuais de confissão serão sordidamente alicerçados contra má compostura das mulheres brasileiras que se prostituem: as mulheres profanas, que se apresentam nas ruas, nos passeios, nas vistas com trajes indecentes e desonestos para que as vejam com todo adorno e compostura que inventou a vaidade e a desordem de suas cabeças. E se a isto se junta a nudez dos seios.

Neste sentido, a mulher deveria se manter pura e fiel ao marido e voltada à criação dos filhos; o marido retribuiria com o respeito absoluto, contendo-se durante o coito, de modo que a entrega completa à relação sexual nunca chegasse a ameaçar a qualidade de vida cristã do casal. A abstinência e a castidade eram as únicas maneiras de precaver-se das imundícies do mundo. PRIORE, (2003, p.22) relata.

A idéia de normalizar a sexualidade dentro do “tálamo conjugal” – de obrigar aos cônjuges a fazer sexo exclusivamente dentro do casamento – decorre do interesse de fazer do núcleo familiar o eixo irradiador da moral cristã. O comportamento exemplar de cada membro (pai, mãe e filhos) corresponderia à firmação dos ditames da Santa Madre Igreja, em luta, nesse período, com o cisma protestante e outros credos considerados heréticos. Mas eis que é preciso criar uma representação ideal da mulher para casar, e a Igreja vai despende séculos de peroração para formar, fora das elites, uma mentalidade de continência e castidade.

Advogando o dever dos maridos de imporem limites à “liberdade da mulher” (subordinada) e, alertando-os para o papel no “comando”, Diogo de Paiva ANDRADE (1985) declara: “Nunca convém ao homem prudente dar à sua mulher liberdades demasiadas...quer dizer, se ela se desconsertar por demasiada largueza de seu marido, não merece ela castigo, se não ele.”

Foi com esse clima de interdições nas relações familiares que se erigiu a sociedade moderna burguesa. A família passou a desencadear uma série de princípios fundados na preservação da essência do lar e restrições à ligação conjugal, controlada pelos princípios de boa conduta, fundamentada, além de tudo, nos moldes românticos.

Contudo, o rigoroso controle de abstinência e fidelidade, na prática, ao que tudo indica, funcionou apenas para o sexo feminino. Ancorando-se num hipotético destino anatômico que limita o papel

sexual da mulher, a sociedade manteve um duplo padrão de moralidade para com os dois sexos. De um lado, privou a liberdade do marido para com as esposas legítimas, de outro, não impediu que estes cedessem “às tentações da carne” e extravasassem os impulsos sexuais, fora do casamento. (FREIRE, 2004)

Relacionando os fatores que motivaram o desregramento dos homens, observa SAFFIOTTI (1979, p. 167): “Dada a socialização da mulher branca para o desempenho dos papéis de dona-de-casa e mãe de família legalmente constituída, necessária se fazia a existência de uma classe de mulheres, com as quais os jovens brancos pudessem praticar as artes do amor anteriormente ao casamento.”

A prostituição da mulher escrava ou branca-livre, que se entregavam à luxúria e as lascívia da carne, as quais não escapariam da condenação “ao fogo do inferno”, embora exerçam uma atividade tipicamente vista como transgressora, pela Igreja e por toda a sociedade, segundo PRIORE (2003, p. 34):

Constituíam-se a serviço da ordem socioespíritual no mundo moderno. No Brasil, no entanto, as características que a tornavam um mal necessário vão misturar-se com outras práticas consideradas pelas autoridades como transgressoras, fazendo com que a Igreja enxergasse, em cada mulher que infringisse as normas, uma prostituta em potencial (...) os comportamentos tidos por desviantes e a prostituição eram ténues.

Para poupar a castidade das moças até o casamento, ao tempo em que era preciso extravasar os “instintos masculinos”, contidos em respeito (a figura da esposa e da moça pura), a Igreja, e mesmo toda a sociedade não só foi condescendente como, de certa forma, incitou as experiências sexuais extraconjugais por parte do homem, fazendo “vistas grossas” à prática de desregramento sexual masculino.²

Nessa perspectiva, o homem, na configuração do patriarcalismo nordestino, foi o elemento móvel, militante e renovador, a mulher, o conservador, o estável, o de ordem. Desse modo, fica estabelecido o *status* secundário do papel feminino.

A crença na natureza superior do homem e a formação da imagem submissa da mulher foram e ainda são inelutavelmente alicerçadas e encorajadas pela tradição judaico-cristã que, através das liturgias sagradas, proclama enfaticamente:” Que as mulheres sejam submissas a seus maridos, como ao Senhor, pois o marido é o chefe da mulher, como o Cristo é o chefe da Igreja. Ora, assim como a Igreja é submissa a

² Elevada à categoria de pecado venial, e devendo pois ser confessada, a fornicção simples permanecia na mentalidade dos primeiros colonos como “algo que fazia bem, e que não era pecado dormir com mulheres públicas.” A primeira Visitação do Santo Ofício à Bahia, em final do século XVI, revela a espontaneidade de afirmações consideradas heréticas, mas que deviam ser de prática corrente na colônia. Diogo Nunes, por exemplo, dizia que bem podia ele dormir carnalmente ali com qualquer negra d’aldeia e que não pecava nisso como lhe dar sua camisa ou qualquer coisa. PRIORE (2003, p. 40)

Cristo, assim também o sejam de tudo as mulheres a seus maridos”.
(Epístola de Paulo aos Efésios 5:22)

Até aqui se falou no comportamento das mulheres brancas (burguesas), mas deve-se salientar que estas, não eram as únicas que seriam perseguidas pela moral cristã. As escravas, também, foram acusadas de praticarem “atos ilícitos”, seduzindo seus patrões, e trazendo o pecado para dentro dos lares. Não seria mesmo mais prudente considerar os desvios cometidos pelos homens casados “à natureza torpe da mulher negra?”

Não foram poucas as recomendações dos eruditos e as queixas dos pregadores religiosos contra o comportamento das escravas prostitutas.

O discurso moralizador da Igreja, desde os primeiros anos do período colonial funcionou no sentido de controlar o uso dos corpos, de conter a “natureza pecaminosa da mulher”, o ônus que carrega pela corrupção de Eva.

1.4.4 Família no Sistema Patriarcal Brasileiro

Somente com o cultivo da terra, do qual obteve apoio da coroa portuguesa, a família começa a se estabelecer. Organiza-se a família numa dupla estrutura: a nuclear, resultado do laço entre marido, esposa e prole legítima (família branca formal), e outro grupo marginal, resultante dos laços entre o senhor de terra com seus escravos e agregados, índios, negros, mestiços, e a prole resultante da mestiçagem do branco com suas escravas.

De maneira, geral considera-se a família como a instituição mais importante para a formação da sociedade brasileira. Ela desempenhou valioso papel regularizador e disciplinador, e representava o único grupo estável e organizado, exatamente pelo fato de ter em suas mãos as principais fontes de riqueza e poder (...) Foi este tipo de organização familiar que perdurou até o século XIX e, somente com a urbanização processaram-se modificações essenciais em sua configuração. (SAFFIOTTI, p. 22)

Como se sabe, no início da colonização do Brasil, não havia aqui no Brasil o exercício legal do matrimônio. A vindas dos portugueses para o Brasil-colônia visava proveitos econômicos. Normalmente os portugueses instalavam-se na terra provisoriamente, deixando suas esposas legítimas em Portugal, muito embora mantivessem relações

extraconjugais com as mulheres que estavam em condição submissa, índias e negras na maioria das vezes.

Embora apesar do desejo do Clero de implantar um modelo único de família, baseado na fé católica, os relatos de historiadores têm explicitado mais claramente para desmistificar as contradições existentes entre o discurso e a prática.

Instalando “grandes desordens” no projeto de difusão da fé católica, as uniões ilegais, baseadas em concubinatos foram, no século XIX, muito mais frequentes que as uniões realizadas sob a bênção da Santa Madre Igreja FONSECA (2003, p. 528).

Desse modo, como salienta PRIORE (2003, p. 47):

A Igreja irá perseguir de forma brilhante no discurso e desastrada na prática, o que as Constituições do Arcebispado da Bahia definiram em 1707 como “a ilícita conversação de homem com mulher por tempo considerável. Esse nebuloso critério referia-se a adultérios e concubinatos, mancebias, amasiamentos e demais formas de convivialidade sexual e conjugal que não o sagrado matrimônio.

Além disso, as pesquisas mais recentes informam que muitos jovens realizavam suas experiências sexuais mesmo antes de se casar. Pelo menos, é o que demonstra a alta taxa de natalidade de crianças fora do casamento.

Quão distantes das pregações eruditas e religiosas não se encontravam as mulatas e as negras forras e as brancas empobrecidas, todas as mulheres livres a lutar contra as dificuldades do cotidiano? PRIORE (2003, p. 30) resalta:

Ao discurso monocórdio sobre seus comportamentos, ou os que deveriam adotar, elas respondiam com práticas tidas por desabusadas, mas apenas resultantes de suas condições materiais de vida. Ao “público escândalo” de tantos concubinatos e mancebias somavam-se filhos tidos “por fragilidade da carne humana”, fora de qualquer laço conjugal. A maternidade era um laço que unia mães e filhas num mesmo ofício: o da prostituição.

O Concílio de Tridentino (1545-63) procurava instituir reformulações morais e disciplinares da Igreja Católica de “proceder contra os amancebados com admoestações e penas até com efeito de se emendarem” e na falta de eficiência desta, com muitas pecuniárias, prisões e degredo, não pareciam afetar os concubinários.

O concubinato foi um sistema típico de organização familiar das camadas subalternas, ora reproduzindo o modelo de casamento burguês, unindo mulheres e homens solteiros, ora caracterizado pelo par formado por mulheres viúvas ou solteiras e homens casados.

PRIORE (2003, p. 32) esclarece:

Descoladas, portanto, de uma prédica que as fantasiava virtuosas e puras, as mulheres coloniais são mais filhas de Eva do que de Maria; mergulhadas nas asperezas do trabalho doméstico ou nos ofícios de rua e da lavoura, acabam por elaborar, mesmo como rascunhos dos modelos eruditos, regras e éticas próprias.

Não se pode dizer contudo, que a moral burguesa ficou alheia às camadas mais populares. Quantas mulheres cometeram infanticídio ou mesmo suicídio após terem sido defloradas e abandonadas em seguida por seus companheiros? Quantos estragos foram causados em nome da moral sexual, da boa ordem e da decência familiar?

De fato, a moral sexual teve características muito peculiares. Preserva-se a virgindade da moça na espera de conseguir um casamento do qual toda a família pudesse tirar proveito da futura união, dado que eram pobres e no casamento depositava-se a única esperança de sustento para a família.

Novamente o peso do não cumprimento ao padrão familiar rígido, moralizante, recairia sobre as mulheres. Listas infindas de processos por parte de maridos em busca da guarda de filhos, acusavam-na de falta de moral e de boa conduta. Colocava-se em xeque o seu comportamento sexual e não qualquer falta de zelo com as crianças.

Na burguesia não faltaram casamentos arranjados às pressas para ocultar a marginalidade da sociedade por não serem mais virgens, não

contando com o apoio e a aceitação da família, tiveram que se pegar com a prostituição, porque não viram outra alternativa de sobrevivência, já que não haveria mais a possibilidade de casamento.

Para a mãe viúva, o artesão desempregado, o operário, o imigrante, a prostituição esteve, muitas vezes, indispensável à sobrevivência e à manutenção da família. Por isso mesmo, poderia significar muito menos um desvio da retidão moral e muito mais, a única alternativa aberta às mulheres de origem pobre e com nível de escolaridade precário. Para melhor definir a imagem da mulher pobre, mãe e solteira no passado prostituída na visão da sociedade, vejamos a descrição de FONSECA (1997, p.534):

A figura da prostituta se localizava na encruzilhada entre o estereótipo aterrorizante da mulher decaída e a realidade vivida por um sem-número de amásias, mães solteiras e crianças ilegítimas; em outras palavras, entre a condenação pela moral burguesa e a tolerância tácita para com um modo de vida que se desviava radicalmente da norma oficial.

Perseguida pelas pressões de opinião pública, a mulher abandonada pelo marido estaria condenada, de um lado, por ter mais de um homem, de outro, pelas pressões econômicas. Pleitear a guarda de um filho, falar sobre o direito à herança do marido, caso fosse viúva.

Contrariando a idéia de mulher frágil, possivelmente originada e mantida nos tempos do Brasil colônia existiram, aqui mesmo no Brasil, senhoras que exerceram muito bem as práticas destinadas, na época, somente ao sexo masculino, como a administração das fazendas, dos grandes lotes de terra. A capacidade destas senhoras em lidar com o latifúndio, em administrar os bens e manter a ordem e o trabalho dos escravos, rompendo com a tradição, tornando-se mais semelhantes ao homem e distantes do “ser mulher”, posto que assim perdem as características sublimes de seu sexo a doçura, a leveza, a volúpia, dá sinais de que as distinções do sexo são muito mais convenções criadas no regime patriarcal, e menos resultado de seu sexo. FREIRE (2004, p. 210) define:

O conjunto de qualidades exclusivamente doces e graciosas que se supunha resultar, de modo absoluto, do sexo, era como o conjunto de qualidades passivas e dos traços inferiores do negro, que se atribuíam de igual modo – sob o patriarcalismo escravocrata e ainda hoje – a base física e biológica da raça. Quando a verdade é que a especialização do tipo físico e moral da mulher em criatura franzina, neurótica, sensual, religiosa, romântica, ou então, gorda, prática e caseira, nas sociedades patriarcais e escravocratas, resulta, em grande parte dos fatores econômicos, ou, antes, sociais e culturais, que a comprimem, as amolecem, alargam-lhe as ancas, estreitam-lhe a cintura, acentuam-lhe o arredado das formas, para melhor ajustamento de sua figura aos interesses do sexo dominante e da sociedade organizada sobre o domínio de uma classe, de uma raça e de um sexo.

2. O AUTOR E A OBRA

2.1 O autor: José Lins do rego

Filho e neto de senhores de engenho, José Lins nasceu a três de julho de 1901, no Engenho Corredor, município de Pilar, na Paraíba, e faleceu a doze de setembro de 1957, no Rio de Janeiro. Viveu os primeiros anos de sua vida no Engenho Corredor, em companhia do avô materno, o Coronel José Lins e da Tia Maria - substituta de sua mãe. É nesse panorama que se fixam, na infância, os elementos e valores que farão de José Lins um talentoso narrador da ficção brasileira.

Em sua trajetória ficcional, José Lins tem lugar de destaque na moderna ficção brasileira. É um dos responsáveis pela importância do romance nordestino, marcado por uma atitude regionalista, numa corrente que teve como um dos idealizadores e teorizadores, o sociólogo Gilberto Freyre. Retrata, com muita propriedade, o esplendor e a decadência do engenho de açúcar, substituído, em seguida, pela usina que, por sua vez, determinará toda uma estrutura social e econômica da cultura canavieira do Nordeste.

José Lins do Rego tem, em sua obra romanesca, uma espécie de mural regional que se valoriza, sobretudo, pela espontaneidade e pela expressividade da linguagem falada. No conjunto de obras dedicado à sociedade canavieira, denominado por ele mesmo de “Ciclo da cana-de-açúcar”, mostra todo o complexo cultural do Nordeste. Colocando-se na posição de observador, retrata o mundo em que viveu - o mundo dos engenhos de açúcar - suas atividades produtivas, tipos sociais característicos, costumes, aspectos da paisagem. Percorrer as páginas de seus romances, torna-se um reencontro com toda essa região.

Sob o título de “Ciclo da cana-de-açúcar”, fazem parte os romances *Menino de engenho* (1932), *Doidinho* (1933), *Bangüê* (1934), *Moleque Ricardo* (1935), *Usina* (1936) e *Fogo morto* (1943), todos envolvendo a problemática da sociedade patriarcal do Nordeste brasileiro. Convém considerar todavia que não apenas o Nordeste agrário fornece material para a ficção do Autor de *Menino de engenho*, mas também o sertão aparece em sua obra, quando se volta em *Pedra bonita* (1938) e *Cangaceiros* (1953) para outra visão temática, a do cangaço, do misticismo e das secas, motivos e significação daqueles que procuram retratar o Nordeste patriarcal.

Nos romances do ciclo canavieiro, sobretudo em *Menino de engenho* e *Doidinho* há, na base do conteúdo de reminiscências, o encontro do escritor com a melhor tradição literária de sua região.

No contexto mais amplo da literatura nordestina, sua obra se reveste de grande interesse sociocultural, combinando a paisagem social com a paisagem física, de forma a se constituir referência para profissionais da área do comportamento humano, principalmente sociólogos e psicólogos sociais. O seu valor literário reside também num conteúdo alimentado pelo espírito regionalista vigente, além de representar uma visão poético-folclórica do Nordeste.

Em suma, em sua obra, José Lins do Rego faz uma espécie de síntese que mostra a integração do homem com o seu meio.

2.2 A obra: Menino de Engenho

Menino de engenho constitui, a obra mais autêntica de José Lins do Rego; representa a evocação das experiências e impressões acumuladas quando criança, em meio ao engenho de açúcar das várzeas do Paraíba.

Em seu projeto inicial, José Lins do Rego não pretendia produzir um romance, mas fazer o perfil biográfico do seu avô, o enérgico coronel José Lins, figura que melhor representa o **senhor de engenho**. E o escritor transformou uma biografia em um romance, cuja techedura gira em torno da recriação do Engenho Santa Rosa, do menino de engenho - marcado pelas impressões do neto de senhor de engenho e pelo próprio engenho.

CASTELLO (1961, p.122) assim coloca:

Ao iniciar a elaboração do romance Menino de engenho, José Lins do Rego não pensava realmente em fazê-lo. Desejava, como ele mesmo confessou, traçar a biografia de seu avô, o velho José Lins, que era para ele o tipo representativo de senhor de engenho, expressão legítima do patriarcalismo rural da região açucareira do Nordeste.

As imagens e impressões do menino, neto do senhor de engenho, bem acentuadas na memória do Autor, dão ao romance um cunho memorialista, ao mesmo tempo em que se observa a forma autobiográfica, centrada no eu narrador e no eu personagem.

Menino de engenho apresenta uma grande riqueza de informações sociais, mostrando a realidade dos engenhos de cana-de-açúcar, detalhando tipos do ambiente açucareiro do Nordeste, característicos dessa região. Trata, assim, dos contatos sociais do **menino da casa-grande** com os **moleques da bagaceira**, das relações existentes entre o senhor de engenho e seus servidores, da inter-relação com outros engenhos; enfim, da relação com a própria família, em que se percebe a supremacia da autoridade do senhor de engenho, com poder absoluto, naquele contexto.

A infância e o engenho são elementos que, aliados à figura do Coronel José Paulino, dão à obra os aspectos caracterizadores da vida dos engenhos da região, de seus valores humanos, de tradições, costumes, práticas religiosas e, sobretudo, de sua estrutura econômica. Daí o seu valor e interesse social.

No conjunto da obra do escritor, *Menino de engenho* constitui a matriz de todo o ciclo que trata da sociedade canavieira. Nessa obra, o Autor mostra os principais motivos que alimentarão a essência dos romances ligados ao ciclo da cultura canavieira, bem como a assuntos

relativos ao fanatismo messiânico nordestino, comumente associado às secas e suas conseqüências. É, pois, a obra introdutória desse ciclo, fixando a paisagem física e social da região Nordeste, em particular, do Nordeste açucareiro.

Em suas análises sobre *Menino de engenho*, diz ALMEIDA, (1981, p. 186):

No contexto mais amplo da literatura nordestina, *Menino de engenho* deixa perceber mais do que qualquer outra criação ficcional do período - a transição entre o espírito que havia alimentado o movimento regionalista dos anos vinte, com sua visão poético-folclórica do Nordeste, e a atitude que passa então a prevalecer, caracterizada por uma intenção consciente, por parte dos escritores, de questionamento e denúncia da realidade social imperante na região.

Como se percebe, a obra apresenta, para o referido Autor, uma grande contribuição ao Regionalismo e, por extensão, à literatura brasileira, retratando, de forma engenhosa, todo um painel do Nordeste patriarcal do início do século. Também, os elementos formadores do título constituem pólos dialéticos entre os quais se move a obra. Ora o **engenho**, enquanto ambiente físico, ocupa o centro de interesse, ora o **menino**, entre quatro e doze anos, com a descoberta da realidade, do relacionamento com o mundo que o cerca, desde os traços individualizados até os traços gerais, caracterizando a vida dos meninos

criados nos engenhos de açúcar do Nordeste. Além disso, o Autor retrata o Engenho Santa Rosa, a **casa-grande**, com toda a sua realidade social e o cunho paternalista que prevalecia nas relações entre dominantes e dominados.

Observe-se o que diz José Maurício Gomes de ALMEIDA (1981, p.191), em *A tradição regionalista no romance brasileiro:*” O carinho com que o narrador constrói a figura do patriarca transparece a cada momento. Até mesmo o hábito autoritário dos gritos e xingamentos é apresentado, senão como traço positivo, como pura exterioridade visando disfarçar a bondade intrínseca do caráter.

Vê-se, conforme esse crítico, que os espaços físicos e sociais atuam como fatores de integração no conjunto de episódios, influenciando, efetivamente, no tipo expressivo da paisagem regional e da natureza humana.

Os demais personagens servem para compor e dar mais autenticidade ao romance. São eles os moradores, os empregados domésticos, os negros da escravidão, os vizinhos, enfim, todo um painel da sociedade e toda a cultura que compunham o mundo dos engenhos. Por isso mesmo, *Menino de engenho* retrata, com muita riqueza, todo um panorama do Regionalismo nordestino no conjunto de obras que constituem o ciclo da cana-de-açúcar. O Autor, com muita espontaneidade, descreve, com intenso lirismo, o apogeu e o declínio do patriciado rural do Nordeste.

3. LEVANTAMENTO DAS PERSONAGENS FEMINIAS EM MENINO DE ENGENHO, DE JOSÉ LINS DO REGO

MÃE - “Eu tinha uns quatro anos no dia em que minha **mãe** morreu.” (ME, p.3, linha 2)

“Todos os retratos que tenho de minha **mãe** não me dão nunca a verdadeira fisionomia que eu guardo dela – a doce fisionomia daquele seu rosto, daquela melancólica beleza de seu olhar. Ela passava o dia inteiro comigo. Era pequena e tinha os cabelos pretos. Junto dela eu não sentia necessidade de meus brinquedos.” (ME, p. 06, linhas 03, 09 e 10)

MÃE / DONA CLARISSE / FIGURA DE ESTAMPA / CRIATURA
- (**mãe, criatura pura**) - ”**Dona Clarisse**, como lhe chamavam os criados, parecia mesmo uma **figura de estampa**”. (ME, p. 06, linha 03)

“A morte de minha mãe me encheu a vida inteira de uma melancolia desesperada. Porque teria sido com ela tão injusto o destino, injusto com uma **criatura** em que tudo era tão puro? Esta força arbitrária do destino ia fazer de mim um menino cético, meio atormentado de visões ruins” (ME, p.07, linha 08)

O seu destino fora cruel, morrera vítima de um excesso de cólera do marido, o homem que tanto amara, enquanto **ela** “cheia de pudor e de recato, a encher as folhas de sensações com o seu retrato, com histórias mentirosas de sua vida íntima” (faltava equilíbrio neste lar, faltava verdade).

MÃE # PAI - “Corri para lá e vi minha **mãe** estendida no chão e meu **pai** caído em cima dela como um louco”. (ME, p.03, linhas 6 e 7)

AMA – “O criado e a **ama**, diziam estavam lá dentro em interrogatório.” (ME, p.)

CRIADAS – “As **criadas** é que conversavam muito sobre o meu pai e a minha mãe, contando umas as outras o que eu não prestava atenção.” (ME, p.04, linha18)

ESPOSA # MARIDO – “O amor que tinha pela **esposa** era o amor de um louco. O seu lugar não era no presídio para onde o levaram”. (ME, p 06)

MATERNAL - relativo a mãe (avô materno # avô paterno)

“Três dias depois da tragédia, levaram-me para o engenho de meu avô **materno**. Eu ia ficar ali morando com ele.” (ME, p.07, linha 13)

MULHER – “Uma mulher chegou-se para mim e toda cheia de brandura:

- Que menino bonitinho!

- Onde está a sua **mãe**, meu filho?”

VELHA – “Tive medo da **velha** e a saudade de minha mãe me fez chorar. A pobre saiu espantada dizendo para os outros que eu tinha estranhado.” (ME, p.8, linhas 03 e 06)

mulher – genérico, desconhecida traço cultural

velha – mulher com idade avançada.

NEGRA – (mulher negra = criada)

“E uma **negra** que ela trouxera como **criada**, contava tantas histórias de lá, das moagens, dos banhos de rio, das frutas e dos brinquedos...(ME, p.08, linhas 30, 31)

MOÇA # VELHA – “Desapeamos e uma moça muito parecida com minha mãe foi logo me abraçando e me beijando”. (ME, p.09, linha 06)

NEGRA/NEGRAS - “As negras queriam ver o filho de Clarisse. Foi uma festa na casa.

- Vai mostrar a tia Galdina!

E me conduziram para um quarto na dependência da casa-grande. Era uma camarinha escura, com cheiro de coisa abafada. Lá dentro estava uma **negra** velha deitada.”

TIA MARIA - (substituta da mãe)

“O meu avô ficava do lado direito e minha **tia Maria** na cabeceira”.

(ME, p.11, linha 20)

MENINA # MENINO = moleque

“Tinham chegado para passar tempo no engenho uns primos mais velhos do que eu: dois meninos e uma **menina**”. (ME, p13 linha 21)

EMÍLIA - personagem do Engenho, compõe o quadro de personagens secundários

“Os meninos da Emília já estão acostumados, você não.” (ME, p.13, linha 34)

TIA SINHAZINHA - “A minha **Tia Sinhazinha** era uma velha de uns setenta anos. Irmã da minha avó, ela morava a longo tempo com o seu cunhado.” (ME, p.14, linha 19)

“Tia Maria, um anjo junto daquele demônio”. OPOSIÇÃO: TIA MARIA = ANJO / TIA SINHAZINHA = DEMÔNIO.

CRIAS = CRIADAS - “Vivia a resmungar, a encontrar malfeitos, poeira nos móveis, furtos em coisas da despensa para pretexto de suas pancadas nas **crias** da casa”. (ME, p.15, linha 16)

PRIMA LILI - “Magrinha e branca a **prima Lili**, parecia mais de cera, de tão pálida. Tinha a minha idade e uns olhos azuis e uns cabelos louros até o pescoço.” (ME, p. 15, linha 26)

“Havia um menino Jesus que era o nosso encanto, um menino bonito com os olhos azuis da **prima Lili** e um sorriso bonzinho na boca.” (ME, p.39, linha 30)

CRIATURINHA – (referências afetivas à prima Lili)

“Não sei por que fui criando a esta **criaturinha** uma amizade constante, gostava de ficar com **ela**, na companhia de suas bonecas.” (ME, p 15, linha 10)

3.1 Tipos humanos femininos

COSTUREIRAS - “As conversas das **costureiras** começavam então a me prender. Elas trabalhavam numa palestra que não parava. Falavam sempre de outros engenhos, onde estiveram no mesmo serviço, contando das intimidades das famílias. (ME, p. 17, linha 14)

RAPARIGAS – (mulheres à toa)

“Os moleques informavam que eram as **raparigas** do Pilar que iam fazer a feira em São Miguel.” (ME, p. 20, linha 23)

MULHERES - (SENTIDO GENÉRICO)

(UMAS) MULHERES - “Um menino nu que estava na porta correu assombrado para dentro de casa. **Umas mulheres** apareceram.” (ME, p.21, linha 08)

MINHA TIA - (MARIA MENINA)

- “**Maria menina**, cadê o menino de dona Clarisse?

Minha tia me chamou e **elas** me fizeram todos os agrados.

VELHA – “A **velha** levantou-se com uma fúria para cima de mim e em seu chinelo de couro encheu-me o corpo de palmadas terríveis”. (ME, p.23, linhas 03 e 06)

MULHERES CHORANDO – “**Mulheres chorando** sem esperança de mais nada.” (ME. p.28, linha 09)

VOVÓ GALDINA – “Conosco vinham as costureiras e umas quatro negras. Noutro carro a **Vovó Galdina** paralítica.” (ME, p. 29, linha 5)

JUDITE – “Tinha o meu mestre uma mulher morena e bonita, que me beijava todas as vezes que eu chegava, que me fazia as vontades: chamava-se **Judite**. Gostava dela diferente do que sentia por tia Maria.” (ME, p. 32, linha 19)

ZEFA CAJÁ - “Contava-me tudo que era história de amor, sua e dos outros.

Aí mora a **Zefa Cajá**. E lá vinha com os detalhes, com as coisas erradas da vida desta mulher”. (ME, p.34, linha10)

MULATINHAS - “Às vezes da estrada, pediam para comprar “coisas” na vila: carretéis de linha, papel de agulhas [...] Zé Guedes entregava as encomendas, puxando conversa compridas com as **mulatinhas**”. (ME, p.)

ZEFAS - “O que Zé Guedes nos contava dele com as **Zefas**, os touros e as vacas nos faziam entrar pelo entendimento.” (ME, p.35, linha 06)

MULHER – (força de trabalho na família)

“Mais adiante a família toda estava pegada na enxada.O homem, a **mulher**, os meninos.” (ME, p.37, linha 21)

NOSSA SENHORA - (Religiosidade)

“Não ia às missas, não se confessava, mas em tudo que procurava fazer lá vinha um se Deus quisesse ou tenho fé em **Nossa Senhora**”. (ME, p. 39, linha 19)

MARIA PIA - (MULATA)

“Todo mundo acreditava que tivesse sido ele mesmo o autor do malfeito na mulata **Maria Pia**.” (ME, p. 43, linha 08)

MULATA – “Por que não seria mentira da **mulata**? Não havia ninguém no engenho que estivesse a favor do cabra.” (ME p. 43, linha 29)

MOÇA - “A moça tinha sido ofendida, e o moleque que pagasse o que devia. Chico Pereira só contava comigo”. (ME, p.43, linha 30)

MARIA MENINA – “_Proteja a minha filha, **Maria Menina**. O meu avô ordenou que acabasse com aquela catomia, e mandou buscar um livro que havia debaixo do santuário.” (ME, p.44, linha 06)

MÃE – (Maria Pia) – “À tarde, estava o meu avô sentado na sua cadeira, perto da banca do alpendre, quando chegaram **Maria Pia** e a **Mãe**”. (ME, p.44, linha 6)

VELHA - (Mãe de Maria Pia)

“A **velha** e a filha ficaram fora do mundo. Aquele livro santo não era para menos. E então a **mãe de Maria Pia**, como se estivesse com a faca nos peitos”. (ME, p.44, linha 17)

FILHA – “A velha e a **filha** ficaram fora do mundo. Aquele livro santo não era para menos. E então a mãe de Maria Pia, como se estivesse com a faca nos peitos”. (ME, p.44, linha 17)

NEGRA - (mulata)

“Eu não dizia que a **negra** não prestava? O Dr. Juca agora vai ficar com mais isto nas costas”. (ME, p. 44, linha 32)

TIA MARIA - (Ícone de compreensão)

“Minha **Tia Maria** não me deu uma palavra. Na hora da ceia o meu avô pouco falou”. (ME, p.45, linha 22)

JUDITE - “A minha primeira paixão tinha sido pela bela **Judite**, que me ensinava as letras no seu colo.” (ME, p.92, linha 14)

AS FILHAS DO TIO JOÃO - “As filhas do tio João, quando chegavam no engenho, revolucionavam os hábitos da casa-grande”. (ME, p. 92, linha 22) .

MARIA CLARA – “Para mim, a visita viera me aperrear o coração do menino. Maria Clara, mais velha do que eu, andava comigo na horta. Era o meu bedéquer do Santa Rosa.” (ME, p.93, linha 25)

3.2 Inventário e descrição léxico-Semântica das Personagens femininas de destaque, em MENINO DE ENGENHO, de José Lins do Rego

1) **D. Clarisse:** mãe do menino Carlos de Melo – o Carlinhos – personagem central da obra.

Tinha uma doce fisionomia, uma melancólica beleza no olhar, angélico, bondoso, não conhecia mau humor, mansa e terna.

Era pequena e tinha os cabelos pretos. Figura de estampa. Morrerá vítima das intemperanças do pai.

As passagens, a seguir, justificam:

“Todos os retratos que tenho de minha mãe não me dão nunca a verdadeira fisionomia que eu guardo dela – a doce fisionomia daquele seu rosto, daquela melancólica beleza de seu olhar. Ela passava o dia inteiro comigo”. (ME, 1977, p.6)

“Era pequena e tinha os cabelos pretos. Junto dela eu não sentia necessidade de meus brinquedos. D. Clarisse, como lhe chamavam os criados, parecia mesmo uma figura de estampa. Falava para todos com um tom de voz de quem pedisse um favor, mansa e terna como uma menina de internato. Criara-se em um colégio de freiras, sem mãe, pois o pai ficara viúvo quando ela ainda não falava. Filha de senhor de engenho, parecia mais, pelo que me

contavam dos seus modos, uma dama nascida para a reclusão. “ (ME, 1977, p.6)

“À noite ela me fazia dormir. Adormecer nos seus braços, ouvindo a surdina daquela voz, era o meu requinte de sibarita pequeno.” (ME, 1977, p.6)

“Ela me enchia de carícias. E quando o meu pai chagava nas suas crises, exasperado como um pé-de-vento, eu a via chorar e pronta a esquecer todas as intemperanças verbais do marido. Os criados amavam-na. Ela também os tratava com uma bondade que não conhecia mau humor.” (ME, 1977, p. 6)

“Horas inteiras eu fico a pintar o retrato dessa mãe Angélica, com as cores que tiro da imaginação, e vejo-a assim, ainda tomando conta de mim, dando-me banhos e me vestindo. A minha memória ainda guarda detalhes bem vivos que o tempo não conseguiu destruir.” (ME, 1977, p.6)

“O seu destino fora cruel, morrer com morreu, vítima de um acesso de cólera do homem que tanto amara: e depois ela, cheia de pudor e de recato a encher as folhas de sensação com o seu retrato, com histórias mentirosas de sua vida íntima.” (ME, 1977, p.7)

“A morte de minha mãe me encheu a vida inteira de uma melancolia desesperada. Por que teria sido com ela tão injusto o destino, injusto com uma criatura em que tudo era tão puro? Esta força arbitrária do destino ia fazer de

mim um menino meio cético, meio atormentado de visões ruins.” (ME, 1977, p.7)

3.3 Análise léxico-semântica das personagens na perspectiva sócio-lingüístico-cultural

1) D. Clarisse

Como se percebe, todas as citações aqui elencadas refletem, de forma explícita, as conotações semânticas da bondade e da beleza de D. Clarisse, descritas pelo narrador-personagem, o Carlinhos, de *Menino de Engenho*. A mãe de Carlinhos, portanto, a filha do Coronel Zé Paulino – patriarca mor do Engenho Santa Rosa e de tantos outros circundantes, é assassinada pelo marido, nas primeiras páginas da narrativa de *Menino de Engenho*.

Caracterizada fisicamente como uma mulher pequena, de cabelos pretos e, cheia de atributos ligados ao campo léxico-semântico da ternura, da bondade, da criatura amorosa, com uma doce fisionomia e um olhar que refletia uma melancólica beleza.

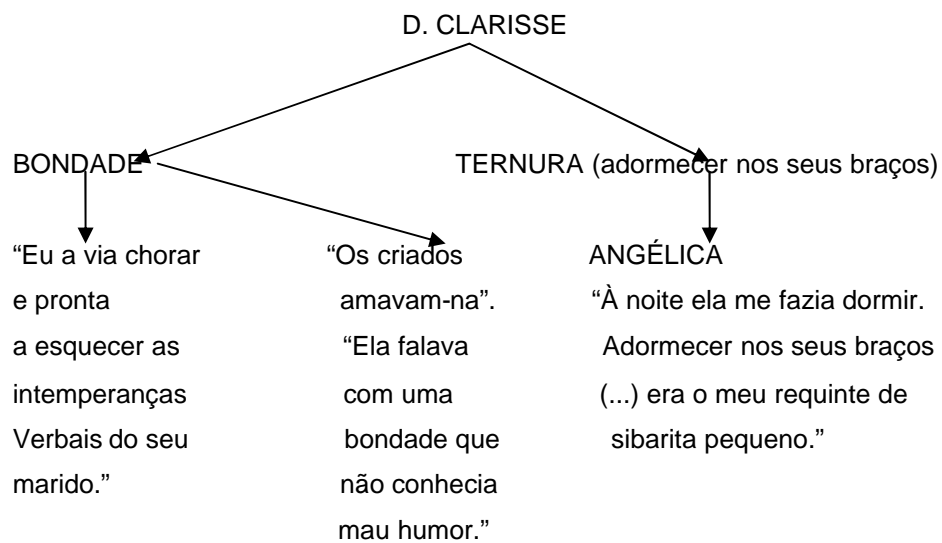
Não se esclarece a causa real do seu assassinato, mas em outras passagens, o narrador revela a compreensão do ato de loucura praticado pelo pai. Vejamos:

“Coitado de meu pai! Parece que o vejo quando saiu de casa com os soldados, no dia do seu crime. Que ar de desespero ele levava no rosto de moço! E o abraço doloroso que me deu nessa ocasião! Vim a compreender, com o tempo, porque se deixara levar ao desespero. O amor que tinha pela esposa era o amor de um louco. O seu lugar não era no presídio para onde o levaram. O meu pobre pai, dez anos depois, morria na casa de saúde, liquidado por uma paralisia geral.” (ME, 1977, p. 5-6)

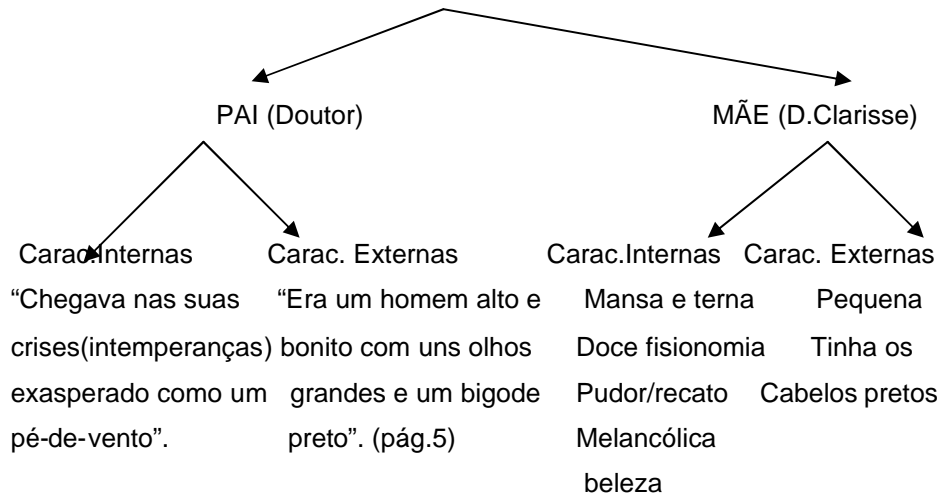
Dessas colocações, percebe-se, claramente, as inquietações de Carlinhos face ao infeliz desenlace e, por conseguinte, do pai que matara pelo excesso de cólera, atribuindo o fato ao amor desmedido e louco que seu pai dedicava à sua esposa.

É, portanto, uma personagem de destaque no contexto da obra cuja presença é marcada todo tempo pelo aspecto saudosista do narrador, ao longo da obra. De tal sorte, que a sua ausência fez do menino Carlos de Melo “um menino cético, meio atormentado de visões ruins”.

CAMPO LÉXICO-SEMÂNTICO



RELAÇÃO FAMILIAR (PAI x MÃE)



RELAÇÃO FAMILIAR



2) Tia Maria: Maria menina

Uma moça muito parecida com D. Clarisse, sua irmã mais nova. Tornou-se a substituta da mãe quando fora morar no Engenho, **tornando-se, portanto**, sua segunda mãe. Carlos de Melo afeiçoa-se **pela** tia Maria **pelo** carinho e **pela** forma especial de tratá-lo e, notadamente, pela semelhança com a sua mãe. É, **portanto**, uma personagem de grande relevância, na obra, estabelecendo elos ora com Carlos de Melo – a quem tem como filho, ora com o coronel Zé Paulino, ora com as negras da cozinha e, por fim, com todo o pessoal que habita e que frequenta à casa-grande, bem como com os engenhos circunvizinhos.

As passagens retiradas de *Menino de Engenho* esclarecem:

“Quando cheguei, com o meu tio Juca, no pátio da casa-grande, o alpendre estava cheio de gente. Desapeamos, e uma moça muito parecida com a minha mãe foi logo me abraçando e me beijando.” (ME, 1977, p.9)

“ A moça que se parecia com minha mãe, e que era a sua irmã mais nova, me levou para mudar a roupa.” (ME, 1977, p.9)

“ - Agora vou ser a sua mãe. Você vai gostar de mim. Vamos, não chore. Seja homem. E me abraçou, e me beijou, com uma ternura que me fez lembrar os beijos e os abraços da minha mãe. Da minha maleta tirou um pijama e me vestiu, me penteou os cabelos assanhados.” (ME, 1977, p.10)

“ O meu avô ficava do lado direito e a minha Tia Maria na cabeceira.” (ME, 1977, p.11)

“ A minha Tia Maria cuidava de ensinar a mim e aos moleques as rezas que ainda hoje sei.” (ME, 1977, p.39)

“ E a minha Tia Maria distribuiu com aquela gente toda a carne-de-sol e o arroz que nos trouxeram. Eles pareciam felizes de qualquer forma, muito submissos e muito contentes com o seu destino.” (ME, 1977, p. 29)

“ A não ser a Tia Maria, que me ensinava o Padre-Nosso, ninguém ali me falava do catecismo. A religião que eu tinha vinha ainda das conversas com a minha mãe.” (ME, 1977, p. 41)

“Vá pedir a Maria Menina para me valer. Tia Maria me disse:

-Se ele deve, deve pagar.

A velha correu logo para a Tia Maria, ajoelhando-se aos seus pés :

-Proteja a minha filha, Maria Menina.” (ME, 1977, p. 44)

“Minha Tia Maria, um anjo junto daquele demônio, não tinha poderes para resistir às suas forças e aos seus compromissos.” (ME, 1977, p. 15)

“Minha Tia Maria assumia a direção de casa – e todos iam conhecer a mansidão e a paz de regência de fada.” (ME, 1977, p. 15)

“Tia Maria roubava para a gente os sapotis e as mangas que a velha deixava em montão apodrecer.” (ME, 1977, p. 23)

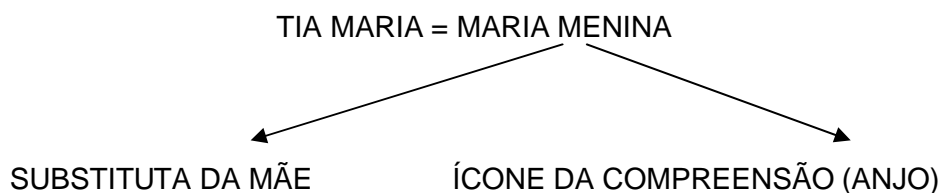
“E se não fosse a Tia Maria que me acudisse, ela teria me despedaçado. Eu nunca tinha apanhado.” (ME, 1977, p. 23)

“A minha Tia Maria ficava com as negras no quarto do oratório a rezar.” (ME, 1977, p. 27)

ANÁLISE LÉXICO-SEMÂNTICA

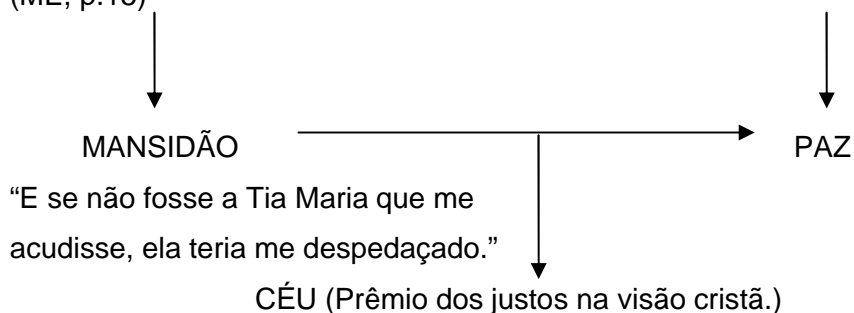
Semanticamente, a Tia Maria ou Maria Menina é a representação simbólica da Senhora do Engenho. No plano da *bondade*, a sua personagem representa a imagem da figura materna, como já se observou nas passagens aqui destacadas. E nessa feição ela assume diferentes papéis de destaque na casa-grande. Estes papéis, quase sempre, estão relacionados à questão de natureza afetiva. Há, ainda, a imagem feminina do *bem* versus *mal*. Ela, a figura de Tia Maria seria, então, o ícone das boas ações e a Tia Sinhazinha, do outro lado, a representação do mal, e, portanto, a imagem da mulher má, na configuração dos hábitos da casa-grande.

CAMPO LÉXICO-SEMÂNTICO



_ “Maria Menina, cadê o menino de D. Clarisse?
Minha tia me chamou e elas me fizeram todos os agrados...” (ME, p.15)

Bondade, proteção, zelo, cuidado
“_Proteja a minha filha Maria Menina”
“A velha correu logo porque a tia M^a. ajoelhando-se aos seus pés”. REVER



3) Tia Sinhazinha

É considerada a personagem do mal, isto é, a face da maldade em contraposição à Tia Maria “um anjo junto daquele demônio”. No plano familiar é cunhada do coronel Zé Paulino, já é **velha** e mora há

um longo tempo no Engenho Santa Rosa. Tomava conta do Engenho com tamanha tirania, sendo considerada pelos moleques como um terror, ícone da maldade, não gostava de ninguém, era tratada como “o diabo da velha” por Carlos de Melo. Era a sua madrasta; para ele, “o inferno com caldeiras e espeto quente”. Para Carlinhos, enfim, ela representa o grande tormento da sua vida de menino no Engenho Santa Rosa.

As citações tiradas de *Menino de Engenho* confirmam:

“A velha Sinhazinha não gostava de ninguém. Tinha umas preferências temporárias por certas pessoas a quem passava a fazer gentilezas com presentes e generosidades. Isto somente para fazer raiva aos outros. Depois mudava. E vivia assim, de uns para outros, sem que ninguém gostasse dela e sem gostar direito de ninguém. De mim nunca se aproximou. E eu mesmo fugia, sempre que podia, de sua proximidade. Mas a propósito de nada, lá vinha com beliscões e cocorotes. Trancava na despensa as frutas, andava com a chave do guarda-comidas no cós da saia, para contrariar as nossas gulodices e fazer raiva à gente grande da casa.” (ME, 1977, p. 22-23)

“ O meu ódio a ela crescia dia a dia. Numa ocasião, jogando pião na calçada, o brinquedo foi cair em cima do seu pé. A velha levantou-se com uma fúria para cima de mim, e com o seu chinelo de couro encheu-me o corpo de

palmadas terríveis. Bateu-me como se desse num cachorro, trincando os dentes de raiva.” (ME, 1977, p.23)

“ Um homem bom, com um céu para os justos e um inferno para a gente ruim como a velha Sinhazinha, com caldeiras e espetos quentes. Mas tudo isso depois que o sujeito morresse.” (ME, 1977, p. 49)

“ A velha Sinhazinha dizia que Semana Santa boa era a do Itambé. O Padre Júlio beijava os pés dos pobres, fazia procissão de encontro e um sermão de lágrimas que todo mundo chorava na igreja.” (ME, 1977, p. 42)

“ A velha Sinhazinha para dentro e para fora, nas suas ordens para o jantar, gritando para os negros e os moleques com a mesma arrogância incontestável.” (ME, 1977, p. 18)

“ A minha Tia Sinhazinha era uma velha de uns sessenta anos. Irmã de minha avó, ela morava há longo tempo com o seu cunhado. Casada com um dos homens mais ricos daqueles arredores, o Dr. Quincas, do Salgadinho, vivia separada do marido desde os começos do matrimônio.

Era um temperamento esquisito e turbulento. Contava-se que um dia amanhecera num engenho de seu pai, amarrada num carro de boi, com uma carta do marido fazendo voltar ao sogro a sua filha.” (ME, 1977, p. 14)

“ Era ela quem tomava conta do meu avô mas com um despotismo sem entranhas.Com ela estavam as chaves da despensa, e era ela quem mandava as negras no serviço doméstico. Em tudo isso, como um tirano.” (ME, 1977, p. 15)

“ Meu avô, que não se casara em segundas núpcias, tinha, no entanto, esta madrasta dentro de casa.” (ME, 1977, p. 15)

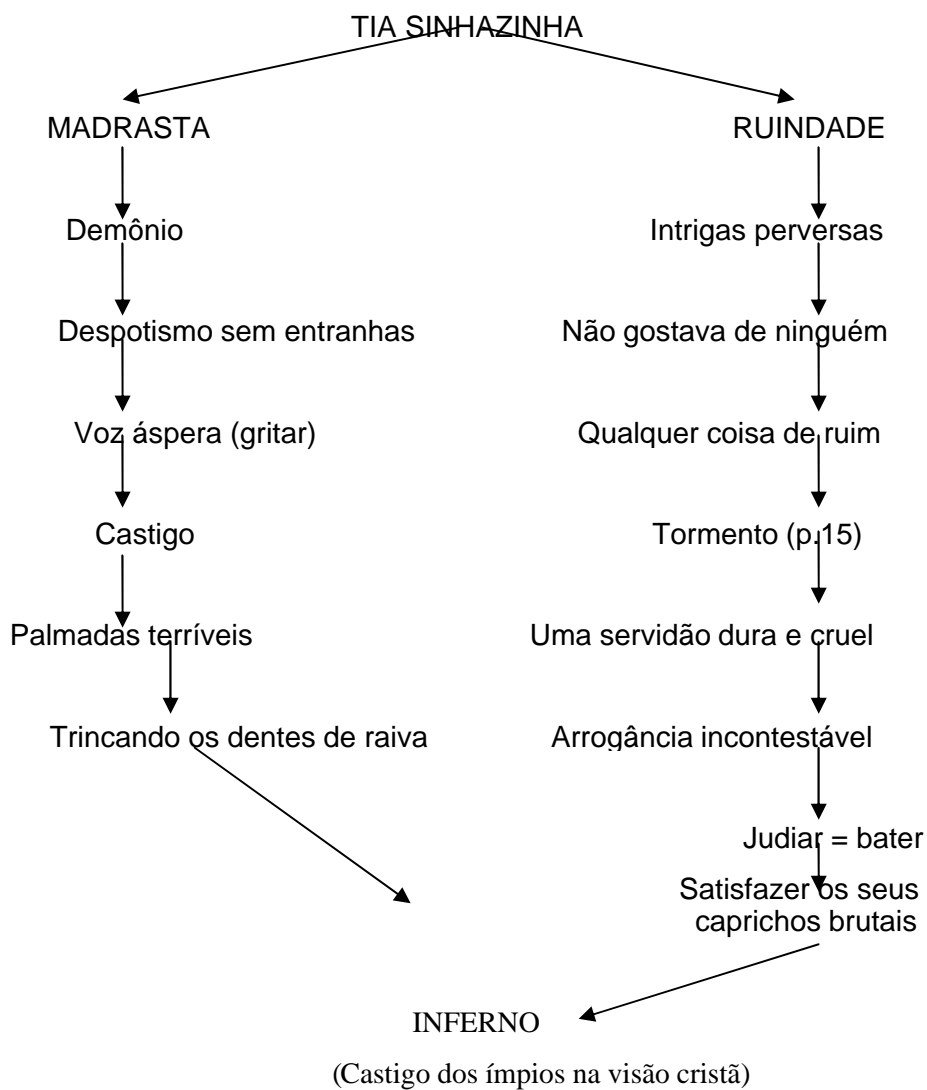
“ Logo que a vi pela primeira vez, com aquele rosto enrugado e aquela voz áspera, senti que qualquer coisa de ruim se aproximava de mim. Esta velha seria o tormento da minha meninice.” (ME, 1977, p. 15)

“ As pobres negras e os moleques sofriam dessa criatura uma servidão dura e cruel. Ela criava sempre uma negrinha, que dormia aos pés de sua cama, para judiar, para satisfazer os seus caprichos brutais. (ME, 1977, p. 15)

“ Vivia a resmungar, a encontrar malfeitos, poeira nos móveis, furtos em coisas da despensa, para pretexto de suas pancadas nas crias da casa.” (ME, 1977, p. 15)

“ As negras odiavam-na. Os meus primos corriam dela como de um castigo.” (ME, 1977, p. 15)

CAMPO LÉXICO-SEMÂNTICO



ANÁLISE LÉXICO-SEMÂNTICA

TIA MARIA X TIA SINHAZINHA

No plano semântico, o jogo de imagens femininas está quase sempre estabelecido na relação dicotômica *bem/mal*, a mercê do modelo cultural e religioso – a noção do bem e do mal, além do sistema de valores têm sua base na religião cristã. O bem o prêmio dos justos, o mal o lugar dos ímpios, como se pode conhecer na visão bíblica o castigo dos ímpios. Em ME, isto é bem visível:

ATRIBUTOS DO BEM; ATRIBUTOS DO MAL

4) Judite

Esposa do Dr. Figueiredo, com quem o menino Carlinhos aprende as primeiras letras. Era uma mulher morena e bonita cujos beijos e abraços despertavam a paixão do menino. Apanhava do marido e cada vez mais, dedicava-se aos agrados e mimos de uma criança criada sem o afeto da mãe.

É uma personagem de destaque à luz da paixão descrita por Carlos de Melo nas belas passagens quando de suas idas à casa “dum Dr. Figueiredo” para aprender as primeiras letras.

Veja-se as citações descritas em ME:

“ Botaram-me para aprender as primeiras letras em casa dum Dr. Figueiredo, que viera da capital passar tempos na vila do Pilar. Pela primeira vez eu ficar com gente estranha um dia inteiro.” (ME, 1977, p. 32)

“ Fui ali recebido com os agrados e as condescendências que reservavam para o neto do prefeito da terra.” (ME, 1977, p. 32)

“ Tinha o meu mestre uma mulher morena e bonita que eu beijava todas as vezes que eu chegava, que me fazia as vontades; chamava-se Judite. Gostava dela diferente do que sentia pela minha Tia Maria.” (ME, 1977, p. 32)

“ Ela sempre que me ensinava as letras debruçava-se por cima de mim. E os seus abraços e os seus beijos eram os mais quentes que já tinha recebido.” (ME, 1977, p. 32)

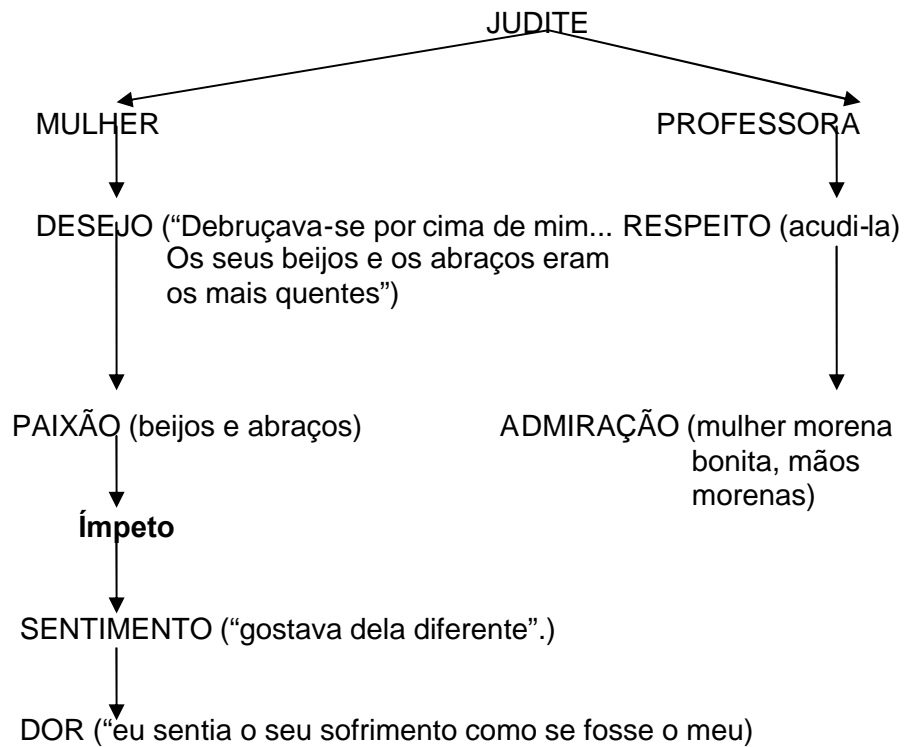
“ A mulher era quem me ensinava, quem tomava conta de mim. Uma vez a vi chorando, com os olhos vermelhos, e o Dr. Figueiredo saindo de casa batendo a porta. E doutra, enquanto eu ficava sozinho na sala com a minha carta na mão, ouvi no interior da casa um ruído de pancadas e uns gritos de quem estivesse apanhando. Compreendi então que a minha bela Judite apanhava do marido. Tive mesmo ímpeto de correr para a rua e chamar o povo para acudi-la. Mas fiquei quieto na cadeira, escutando-lhe o soluço abafado.” (ME, 1977, p. 32-33)

“ Mais tarde, ela chegou para me ensinar, e me beijou e me abraçou como nunca.” (ME, 1977, p. 32-33)

“ E o meu coração sentiu-se cheio de uma afeição estranha por essa mulher. Era tão terna para mim, me punha no colo para me agradar, para me dizer que me queria um bem de mãe. Eu sentia o seu sofrimento como se fosse o meu.” (ME, 1977, p. 33)

“ Foi ali com ela, sentindo o cheiro de seus cabelos pretos e a boa carícia de suas mãos morenas, que aprendi as letras do alfabeto. Sonhava com ela de noite, e não gostava dos domingos porque ia ficar longe de seus beijos e abraços.” (ME, 1977, p. 33)

CAMPO LÉXICO-SEMÂNTICO



5) Maria Clara

Uma das filhas do Tio João, mais velha do que Carlinhos e por quem ele se apaixona. Os olhos grandes e redondos, e os cabelos em cachos o fazem esquecer os canários e o carneiro Jasmim. Sua partida do engenho, sem demonstrar sofrimento, causa grande pesar em Carlos de Melo. À luz do universo afetivo, é uma personagem que ganha relevo na descrição apresentada pelo autor ao tratar do encantamento e do deslumbramento quanto ao relacionamento entre ele – Carlinhos e Maria Clara.

Os trechos, a seguir, melhor esclarecem:

“ As filhas do Tio João, quando chegavam no engenho, revolucionavam os hábitos pacatos da Casa-Grande.” (ME,1977, p.92)

“ Para mim, a visita viera me aperrear o coração de menino.” (ME,1977, p.92)

“Maria Clara, mais velha do que eu, andava comigo pela horta. Menina da cidade, encontrara um **bedéquer** amoroso para mostrar-lhe os recantos do Santa Rosa. Queria ver tudo – o rio, os cajueiros, o cercado.” (ME,1977, p.93)

“Maria Clara, com aqueles seus cabelos em cachos e uns olhos redondos, me fizera esquecer o carneiro e os passeios solitários. Brincávamos

juntos, comíamos juntos, que todo mundo reparava nesses pegadio constante.”
(ME,1977, p.93)

As nossas conversas iam longe. Maria Clara indagava por Antônio Silvino. Então me derramava em histórias”. (ME,1977, p.94)

“O engenho é melhor do que Recife, me dizia Maria Clara. Mamãe conta que morando aqui, a gente vira bicho. Ela quer que eu toque piano e fale francês. Aqui é bom porque não tem aula, não tem professora.” (ME,1977, p.94)

“Uma ocasião, depois que ela terminou uma fita de dois namorados deitados na relva, nos braços um do outro, eu peguei Maria Clara e beijei-a forte na boca.

Corri como um doido para casa, com o coração batendo.

-Este menino fez arte. Chega estar afrontado – repararam, quando apareci na cozinha. Escondi-me da namorada o resto da tarde.” (ME,1977, p.95)

“Ela me contava as histórias de suas viagens de mar, pintava-me o vapor, os camarotes, o tombadilho e o mar batendo no olho de vidro das vigias.” (ME,1977, p.94)

“Lembrava-me de Maria Clara com uma saudade cheia de desejos que nunca tivera . Misturava as minhas alegrias de antigamente a umas vontades

perversas de posses. Os meus impulsos tinham mais anos que a minha idade.”
(ME,1977, p.102)

CAMPO LÉXICO-SEMÂNTICO



6) Negra Luísa

Negra do Santa Rosa. É ela que procura consolar Carlinhos da surra da Velha Sinhazinha, mas só faz aumentar a dor do menino, ao se referir à ausência de sua mãe. Mais tarde, a Negra o induz às práticas sexuais, na hora de dormir e nos banhos de rio. Na esfera sexual, ela, juntamente com Zefa Cajá são as professoras de sexo do menino Carlinhos, na sua iniciação precoce nas coisas do sexo, sendo, portanto, uma personagem secundária, atuando como adjuvante na sua formação sexual.

“ A Negra Luísa fizera-se comparsa das minhas depravações antecipadas. Ao contrário das outras, que nos respeitavam seriamente, ela seria uma espécie de anjo mau da minha infância.” (ME,1977, p.102)

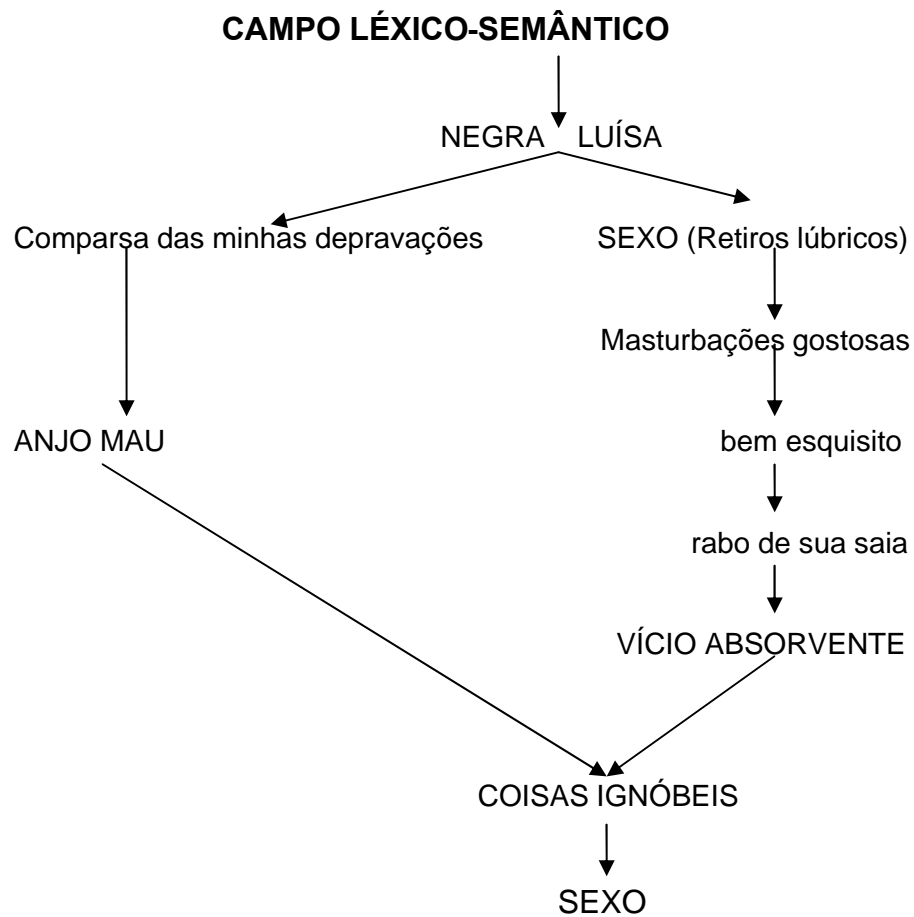
“ Ia me botar para dormir, e enquanto ficávamos sozinhos no quarto, arrastava-me a coisas ignóbeis.” (ME,1977, p.102)

“Só pensava nos meus retiros lúbricos com o meu anjo mau, nas masturbações gostosas com a Negra Luísa. E comecei a querer-lhe um bem esquisito. Um bem que arrastava ao rabo de sua saia para onde ela ia.” (ME,1977, p.103)

“E não gostava dos negros com quem se metia em cochichos. O grande mal dos amorosos, a inquietação dos que se sentem enganados, um

ciúme impertinente enfiava-se todo pelo meu coração. A negra, porém, me dizia que eu ainda tinha o cheiro de leite na boca, e dava rendez-vous aos cabras pelas alcovas cheirosas das fruteiras.” (ME, 1977, p 104)

“Era um vício absorvente o meu pegadio com a Negra Luísa. O sexo impunha-me essa escravidão abominável.” (ME, 1977, p 104)



7) Zefa Cajá

Prostituta negra, nascida no Engenho Corredor, filha de uma escrava com um branco. É, portanto considerada como “a grande mundana das cabras do eito”. É ela considerada a professora de Carlos

de Melo nas “coisas do sexo”, como ele dizia. “O sexo vestira calça-comprida”, de forma que os conhecimentos adquiridos com os meninos, os moleques de a bagaceira, as bestas do pasto, as vacas e os touros, com o professor Zé Guedes eram contemplados e vividos na plenitude com Zefa Cajá, razão pela qual esta personagem é de elevada importância no plano cultural dos anos 30, uma vez que a figura da prostituta era presente, pois no caso de ME está na base da formação de Carlinhos. É no seu **atributo** que faz dele o menino precoce “ torna-se homem sem, entretanto, viver a imaturidade da época adolescente (ou da adolescência)”.

As citações tiradas de ME justificam:

“ Tinha uns doze anos quando conheci uma mulher, como homem. Andava atrás dela, beirando a sua tapera de palha, numa ânsia misturada de medo e de vergonha. Zefa Cajá era a grande mundana dos cabras do eito. Não me queria.

- Vá se criar, menino enxerido”. (ME, 1977, p 115)

“ Mas eu ficava por perto, conversando com ela, olhando para a mulata com vontade mesmo de fazer coisa ruim. Ficou comigo uma porção de vezes. Levava as coisas do engenho para ela – pedaços de carne, queijo roubado do armário; dava-lhe dinheiro que o meu avô deixava por cima das mesas.” (ME, 1977, p 115)

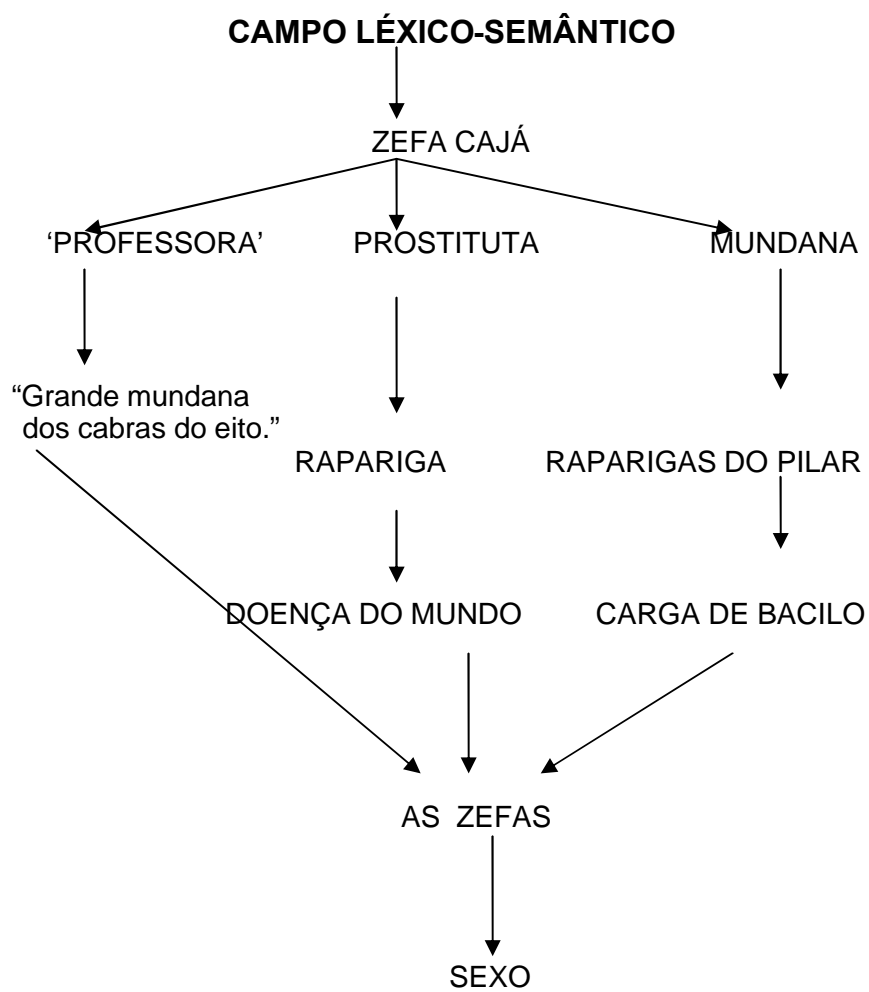
“- Este menino está com vício.”

“Era mesmo um vício aquele dos afagos de Zefa Cajá. Saía do café para a casa dela, ia depois do almoço e depois do jantar. Foram dizer ao meu avô:

- O menino não sai da casa da rapariga.” (ME, 1977, p 115)

“ Perguntavam pela Zefa Cajá, chamavam-na de professora.” (ME, 1977, p 116)

Zefa Cajá é, enfim, “a grande mundana dos cabras do eito”



CRENDICES

VELHA TOTONHA - é a contadora de histórias que aparecia, de tempos em tempos, no engenho, para contar histórias de Trancoso:

“Pequenina e toda engelhada, tão leve que uma ventania poderia carregá-la, andava léguas e léguas a pé, de engenho a engenho com uma edição nova das Mil e Uma Noites.”

3.4 Outras personagens femininas que compõem a obra (personagens sem rosto)

LILI: prima de Carlinhos, filha de D. Emília. Chega ao engenho para umas férias. Delicada, branca e doente, ela se torna a primeira amizade do menino. Sua aproximação a Lili se dá em função da fraqueza física de ambos. É uma personagem secundária importante, pelo fato de que, mais uma vez, a morte leva-lhe um ente querido, deixando o menino só, com suas inquietações. Considerando-a “mais um anjo do que gente”, qualquer enterro de criança faz com que Carlos de Melo lembre-se dela com ternura.

DONA OLÍVIA: neste romance é referida como irmã louca de Seu Lula, andando e falando só, já velha, com a cabeça toda branca. É uma personagem irrelevante.

VOVÓ GALDINA: negra velha, africana de Angola, remanescente da escravidão. Morava em um quarto na dependência da Casa-Grande. Carlinhos é levado para conhecê-la, quando chega ao Santa Rosa. Era a mais respeitada das negras do engenho. Contrariamente à Tia Sinhazinha, todos gostavam dela, sobretudo os meninos, a quem protegia, pedindo pelos seus netos, com lágrimas nos olhos.

MARIA GORDA: negra Moçambicana, com mais de oitenta anos, remanescente. Após a abolição não quis abandonar a senzala e continuou no Santa Rosa. Não sabia falar português. Morava em um quarto que fedia muito. Carlinhos a considerava infernal, comparando-a as bruxas das histórias da Velha Totonha.

MARIA PITU: moradora do Santa Rosa com três filhos, em sua casa, Carlinhos se demorava nas suas andanças com o carneiro Jasmim. Era aí que ele se refugiava para brincar com os moleques, longe dos olhares vigilantes da Casa-Grande, que não lhe permitiam brincar na terra e no sol. Era mãe de cabeção. Personagem irrelevante.

“ Na casa de Maria Pitu demorava-me tardes inteiras, com o carneirinho amarrado, comendo folhas de cabreira.”

NANINHA: velha entrevada, moradora do engenho, salva por Zé Guedes, no incêndio do partido de cana. Não fica claro se é mãe do Negro Zé Passarinho, cuja casa também pega fogo com o incêndio. É um personagem **alusão**.

ROMANA: negra remanescente da abolição dos escravos, que permanece no Engenho Santa Rosa.

AVELINA: negra do Santa Rosa, citada como exemplo de mulher parideira.

ANA(S) BOLENAS(S): personagem histórica referida por Carlinhos, comparando-a como perversa e intrigante, à velha Sinhazinha. Viveu entre os anos de 1507 e 1536. Em 1533 foi coroada esposa de Henrique VIII, Rei da Inglaterra. Em 1536, acusada de adultério pelo marido, foi executada.

DONA NENÉM DO SEU LULA: filha de Seu Lula, educada no Recife, fina, de bons modos. Reflete o toque de cultura, do refinamento, tocava piano no Santa Fé.

EMÍLIA: tia de Carlinhos, cujos filhos vão passar férias no Santa Rosa.

LICA DA PONTE: mulher que leva uma porção de cravos para o casamento de Tia Maria. É uma personagem irrelevante. (ver p. 8)

SINHÁ GERMÍNIA: é apenas aludida por seu Rodolfo, mecânico (v. Calu).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos pressupostos teóricos utilizados e que serviram de base à análise dos campos léxico-semânticos das personagens femininas de destaque na obra *Menino de engenho*, de José Lins do Rego, foi possível comprovar, a partir do *Corpus* levantado e que integra esta pesquisa, que a linguagem utilizada pelo autor José Lins do Rego, na obra em estudo se coaduna com a tradição sociocultural da atividade da agroindústria da cana-de-açúcar e com o contexto sócio-histórico e político dos anos 30; que as diversidades regionais favorecem a existência de uma cultura própria da região e, portanto, de um linguajar típico, característico de um determinado nível social, neste caso, da Casa grande à Senzala; que é possível delinear a história de um povo, suas tradições, seus hábitos, credences e costumes notadamente a hierarquia de valores na relação homem x mulher, a partir de uma visão léxico-semântica e em função das especificidades do léxico da época e da cultura assimilada por essas mulheres delineadas ao longo desse estudo.

Ficou demonstrado, ainda, as características peculiares do papel feminino considerando-se a cultura canavieira, a relação patriarcal e, enfim, as marcas contextuais ligadas à obra, suas manifestações

culturais e as representações lingüísticas e literárias da temática regionalista, retratando o dia-a-dia cultural da **MULHER** como paradigma da cultura brasileira.

Considerando esse estudo, realizou-se um inventário das personagens femininas com a descrição e a contextualização na obra.

No que tange ao binômio Casa-Grande e Senzala, dois blocos distintos, de características antagônicas destacam-se, de um lado, as personagens Tia Maria Menina, Maria – Clara e a descrição minuciosa de sua mãe – com as marcas socioculturais e lingüísticas da autêntica Senhora de Engenho, reflexo do patriarcalismo rural nordestino, de outro, Zefa Cajá como arquilexema da mulher do mundo, da professora de sexo, à mercê de outras tantas que despertaram a sexualidade e o prazer do narrador, destacando-se, sobretudo, o papel da também professora Judite – esta professora das letras, traduzindo-se também, no forte desejo, na sensualidade que ela despertara nele.

Como se viu, a pesquisa, objeto da realização do presente estudo, buscou caracterizar o aspecto sócio-lingüístico-cultural da obra *Menino de engenho* ligada ao ciclo nordestino da cana-de-açúcar e encontrou seus elementos fundamentais na vida dos engenhos, bem como do papel da mulher neste contexto e, ainda, na decadência de uma época, envolvendo seus valores, comportamentos, idéias e costumes, enfim, na maneira de pensar e de agir; interagindo com os aspectos de

ordem lingüística e cultural nordestina que serviram de base a nosso estudo.

Para tanto, buscou-se o estudo do léxico utilizado pelo autor nas **personagens femininas** de destaque no contexto de *Menino de engenho*, de José Lins do Rego, como documento fidedigno de uma época historicamente delineada nos manuais da Antropologia, da Sociologia e da cultura nordestina.

A partir da análise, observa-se que:

- As diferenças existentes entre esse tipo de linguagem e a linguagem corrente prendem-se, fundamentalmente, ao léxico;
- O vocabulário dessa linguagem específica foi, então, organizado em campos léxico-semânticos, a partir de lexemas centrais como CASA-GRANDE e SENZALA. Para esta pesquisa considerou-se a perspectiva geo-etno-sociolingüística para uma análise em campos léxico-semânticos, que nos permitiu constatar a intensa reação entre os campos.

A matéria de *Menino de engenho* resume a configuração total do engenho e este sim, assume a posição central uma vez que, quando nos reportamos a ele, sempre pensamos no binômio Casa-grande e Senzala considerando-se sempre a perspectiva geo-etno-socolingüística, como já se disse, para uma análise léxico-semântica.

No que se refere especificamente à produção literária do escritor paraibano José Lins do Rego, sabe-se que não foram exauridas as possibilidades de pesquisa que a obra oferece, quer no plano literário, quer no plano lingüístico. Eis porque, nesta pesquisa, foram percorridos os caminhos dos estudos lexicais e semânticos, considerando-se a intrínseca relação entre a estrutura sociocultural e a estrutura lingüística.

essa pesquisa visou contribuir para um maior conhecimento da realidade lingüística do nordeste açucareiro e que esta análise, unida a muitos outros estudos já encaminhados em nível de especialização, mestrado e doutorado, sob orientação da autora desse texto, procurou-se delinear com maior nitidez um panorama mais concreto da língua portuguesa no Brasil, voltado para a Semântica, tendo em vista a relação LÍNGUA/CULTURA e SOCIEDADE.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALI, M. Said. **Gramática histórica da língua portuguesa**. 7 ed., Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, [s.d.].

_____. **Gramática secundária da língua portuguesa**. 3 ed., Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1964.

_____. **Dificuldades da língua portuguesa**. 5 ed., Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1957.

ALLAIRE, Susanne. La phrase du français radiophonique. **Langue Française**. Paris: (28): 79-90, 1975

ALMEIDA, José Maurício Gomes de. **A tradição regionalista no romance brasileiro (1857-1945)**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981.

ALMEIDA, Maria de Fátima. **O místico-religioso em José Lins do Rego: uma visão léxico-semântica de *Pedra Bonita***. João Pessoa: UFPB, 1988. Diss. (Mestrado).

AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**. São Paulo: HUCITEC/Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 28 ed., rev. São Paulo: Saraiva, 1979.

ALMEIDA ARAÚJO, Maria Aparecida Soares. **Emprego dos tempos verbais em redações do vestibular 84**. João Pessoa: UFPB, 1985. Diss. (Mestrado).

- ALVAR, M. **Estruturalismo, geografia lingüística y dialectologia actual**. Madrid: Gredos, 1969.
- ALVES, I. M. **Neologismo: criação lexical**. São Paulo: Ática, 1990.
- AMARAL, Amadeu. **Tradições populares**. São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1948.
- ALMEIDA, Horácio de. **Dicionário popular paraibano**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1979.
- ANDRADE, Gabriel Augusto. **Nomes populares das aves do Brasil**. Belo Horizonte: SOM/IBDF, 1985.
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de et al. **Linguagem afro-indígena na grande João Pessoa**. João Pessoa: Fundação Casa de José Américo, 1987.
- _____. **Glossário aumentado e comentado de *A bagaceira***. João Pessoa: A União, 1984.
- _____. **A linguagem regional/popular na obra de José Lins do Rego**. João Pessoa: FUNESC, 1990.
- ATHAYDE, Tristão de. José Lins do Rego. In: **Meio século de presença literária**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970.
- _____. Um romancista da decadência. In CANDIDO, Antonio. **Brigada ligeira**. São Paulo: Martins, 1945.
- AULETE, Caldas. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. 5 ed., Rio de Janeiro: Delta, 1970.

- A MENSAGEIRA: revista dedicada à mulher brasileira.*** São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 1987. 2 v. (Edição Fac-similada).
- AZEVEDO, Francisco Ferreira dos Santos. **Dicionário analógico da língua portuguesa (idéias afins).** Brasília: Thesaurus, 1974.
- AZEVÊDO, Neroaldo Pontes de. **José Lins do Rego: trajetória de uma obra. João Pessoa:** FECP, 1996.
- AZEVÊDO, Teo & ÂNGELO, Assis. **Dicionário catrumano: pequeno glossário de locuções regionais.** 2 ed., rev. ampl. São Paulo: Letras & Letras, 1996.
- BALDINGER, R. **Teoria semántica – hacia una semántica moderna.** Madrid: Alcalá, 1970.
- BALLY, C. **El Lenguaje y la vida.** 7 ed., Buenos Aires: Editorial Lozada, 1977.
- BARBADINHO NETO, Raimundo. **Tendências e constâncias da língua do modernismo.** Rio de Janeiro: Acadêmica, 1972.
- BARBALHO, Nelson. **Dicionário do açúcar.** Recife: Fundação Joaquim Nabuco. Massangana, 1984.
- BARBOSA, Maria Aparecida. **Léxico, produção e criatividade: processos de neologismo.** São Paulo: Global, 1981.
- _____. **Língua e discurso: contribuição aos estudos semântico-sintáticos.** 2 ed., rev. São Paulo: Global, 1981.

- ____. **Aspecto da produtividade léxica. Língua e literatura.** São Paulo: EDUSP, 1979.
- ____. Lexicologia: aspectos estruturais e semântico-sintáticos. In: PAIS, C. T. et al. **Manual de lingüística.** Petrópolis: Vozes, 1979.
- BARRETO, Mário. **Novos estudos da língua portuguesa.** 3 ed., (fac-similar) Rio de Janeiro: Presença, 1980.
- ____. Mário. **Novíssimos estudos da língua portuguesa.** 3 ed., Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa; Brasília: INL, 1980.
- ____. **Fatos da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Presença/Fundação Casa de Rui Barbosa; Brasília: INL, 1982.
- ____. **De gramática e de linguagem.** 3 ed., Rio de Janeiro: Presença/Fundação Casa de Rui Barbosa; Brasília: INL, 1982.
- BASÍLIO, Margarida. **Estrutura lexical do português: uma abordagem gerativa.** Petrópolis: Vozes, 1980.
- BARRETO, Belminda Stela de F. **O trágico-épico em *Cangaceiros*, de José Lins do Rego.** João Pessoa: UFPB, 1980. Diss. (Mestrado).
- BARTHES, Roland. **Análise estrutural da narrativa.** Petrópolis: Vozes, 1976.
- BATISTA, Juarez da Gama; ALMEIDA, José Américo de. O homem de seu destino. In: **Discursos acadêmicos pronunciados na Academia Paraibana de Letras.** João Pessoa: UFPB, 1968.

- BATISTA, Juarez da Gama. **Sentido do trágico em José Lins do Rego**. João Pessoa: [s. ed.], 1973.
- _____. **José Lins do Rego, as fontes da solidão**. João Pessoa: Chaves, 1975. (Conferência).
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975.
- _____. **Ensino da gramática. Opressão? Liberdade?** São Paulo: Ática, 1985.
- BELO, José Maria. O homem e o escritor José Lins do Rego. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro: 19.09.1957. 1. Cad.
- BENVENISTE, E. **Problemas de lingüística geral-1**. São Paulo: Nacional, 1976.
- _____. A natureza do signo lingüístico. In: **Problemas de lingüística geral**. 3 ed. Campinas: Pontes, 1991.
- BERNSTEIN, B. **Langages et classes sociales**. Paris: Ed. de Minuit, 1975.
- BEZERRA, Alcides. O romancista da várzea da Paraíba. **Boletim de Ariel**. Rio de Janeiro: v. 2, p. 46-47, nov. 1935.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria lingüística: lingüística quantitativa e computacional**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

- ____. Glossário. **Alfa: revista de lingüística**. São Paulo, v. 28 – suplemento.1984.
- ____. A estruturação do léxico e a organização do conhecimento. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 22, n. 4, p. 81-96, dez. 1987.
- ____. A estrutura mental do léxico. In: **Estudos de filologia e lingüística: em homenagem a Isaac Nicolau Salum**. São Paulo: T. A. Queiroz/EDUSP, 1981.
- BLIKSTEIN, I. **Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade**. 3 ed. São Paulo: Cultrix, 1990.
- BLOOM, Harold. **O cânone ocidental**. Trad. Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1994.
- BORBA, Francisco da Silva et al. **Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil**. São Paulo: UNESP, 1990.
- BORBA, F. da Silva. **Introdução aos estudos lingüísticos**. São Paulo: CEN, 1970.
- BRUNOT, Ferdinand. Latin classique et Latin populaire. In: **Histoire de la langue française: des origines à nos jours**. Paris: Armand Colin, 1966, T. 1, p. 39-60.
- ____. **La pensée et la langue**. France: Masson et Cie. Éditeurs, 1926.
- BRUNO, Haroldo. José Lins do Rego, romancista do Nordeste. In: _____. **Estudos de literatura brasileira**. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1957, p. 135-48.

____. **Novos estudos da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: José Olympio/MEC-INL, 1980.

BUENO, Francisco da Silveira. **A formação histórica da língua portuguesa**. 2 ed., Rio de Janeiro: Acadêmica, 1958.

____. **Estilística brasileira: o estilo e a sua técnica**. São Paulo: Saraiva, 1964.

____. **Tratado de semântica geral**. 2 ed., São Paulo: Saraiva, 1951.

CAMPOS, Maria Consuelo Cunha. Gênero. In: JOBIN, José Luis et al. (Org.) **Palavras da crítica**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

CAMPOS, Renato Carneiro. José Lins do Rego, o sexo e o homem. In: *Jornal do Comércio*. Recife: 26 jun. 1963. **Suplemento Literário**.

CARPEAUX, Otto Maria. José Lins do Rego. In: **Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira**. 2 ed. ver. e aum. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura. Serviço de Documentação, 1959.

____. Prefácio. In REGO, José Lins do. **Fogo morto**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1943.

____. LINS, Álvaro; THOMPSON, Franklin. **José Lins do Rego**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1952.

CARVALHO, Nelly de Medeiros. **Dicionário nos fez homem e mulher**. p.46. In: *Confluência* _ Revista do instituto de língua portuguesa, n°21 / 1º semestre. Rio de Janeiro, 2001.

CASTELLO, José Aderaldo. **Origens e significado de *Menino de engenho***. In: REGO, José Lins do. **Menino de engenho**. 26. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979. (Col. Sagarana, 22).

____. José Aderaldo. **José Lins do Rego: modernismo e regionalismo**. São Paulo: EDART, 1961.

____. José Lins do Rego e a criação do ciclo da cana-de-açúcar. In: **Diários Associados**. Rio de Janeiro: 12 jan. 1956. Edição Especial dedicada ao Açúcar.

____. Memória e regionalismo. In REGO, José Lins do. **Romances reunidos de José Lins do Rego**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960.

CAVALCANTI, Maria Luísa. No roteiro de *Menino de engenho*. In: **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 21 jan. 1963. 2. Cad. Suplemento Literário.

CAVALCANTI, Valdemar. Menino de engenho. **Boletim de Ariel**. Rio de Janeiro: 19, jun. 1932.

CABRAL, Leonor Scliar. **Introdução à lingüística**. 6 ed. Porto Alegre: Globo, 1985.

CABRAL, Tomé. **Novo dicionário de termos e expressões populares**. Fortaleza: UFC, 1982.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e lingüística**. São Paulo: Scipione, 1989.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Dispersos de Mattoso Câmara**. Sel. e introd. por Carlos Eduardo Falcão Uchoa. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1972.

____. **História da lingüística**. 3 ed., Petrópolis: Vozes, 1979.

____. **Princípios de lingüística geral**. 5 ed., Rio de Janeiro: Padrão, 1980.

____. **História e estrutura da língua portuguesa**. 4 ed., Rio de Janeiro: Padrão, 1985.

____. **Problemas de lingüística descritiva**. 2 ed., Rio de Janeiro: Padrão, 1976.

____. **Estrutura da língua portuguesa**. 7 ed., Petrópolis: Vozes, 1976.

____. **Manual de expressão oral & escrita**. 6 ed., Petrópolis: Vozes, 1981.

CARDOSO, Wilton & CUNHA, Celso. **Estilística e gramática histórica**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.

CÂMARA JÚNIOR, J. Mattoso. **Dicionário de lingüística e gramática**. 8 ed., Petrópolis: Vozes, 1978.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.

____. **Geografia dos mitos brasileiros**. 2 ed., Rio de Janeiro: José Olympio, Brasília: INL, 1976.

____. **Sociologia do açúcar: pesquisa e dedução.** Rio de Janeiro: Instituto do Açúcar e do Alcool, 1971 (Col. Canavieira, 5).

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa.** Revista Alfa, Marília, nº 9, FFCL, 1967.

____. **Português culto falado no Brasil.** Campinas: Editora da Unicamp, 1989.

____. **A linguagem falada na cidade de São Paulo.** São Paulo: T. de Queiroz, 1986, v. 1.

CIDADE, Hernâni. **Lições de cultura e literatura portuguesa.** 7 ed., Coimbra Editora, 1984.

CASTRO, Eugênio de. **Ensaio de geografia lingüística.** 2 ed. aum. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941 (Brasiliana, 201).

CIDADE, Hernâni. **Lições de cultura e literatura portuguesa.** 7 ed., Coimbra Editora, 1984.

CLEROT, L. F. **Vocabulário de termos populares e gírias da Paraíba: estudo de glotologia e semântica paraibana.** João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1959.

COSERIU, Eugênio. **Tradição e novidade na ciência da linguagem.** Rio de Janeiro: Presença, 1980.

____. **El hombre y su language.** Madrid: Gredos, [s. d.].

____. **Sincronia, diacronia e história.** Rio de Janeiro: Presença, São Paulo: EDUSP, 1979.

____. **Teoria da linguagem e lingüística geral.** Rio de Janeiro: Presença, 1979.

____. **Princípios de semántica estructural.** Madrid: Gredos, 1977.

COUTINHO, Afrânio. **José Lins do Rego.** Org. por Eduardo F. Coutinho & Ângela Bezerra de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/FUNESC, 1991.

COUTINHO, Edilberto. **O romance do açúcar. José Lins do Rego, vida e obra.** Rio de Janeiro: José Olympio/INL-MEC, 1980.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de gramática histórica.** 7 ed., ver., Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.

COUTINHO, Maria Lúcia Rocha. **Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares.** Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

COUTINHO, Odilon Ribeiro. **José Lins do Rego, perda e reparação.** Natal: Ed. Part, 1961.

CRULS, Gastão. Menino de engenho. **Boletim de Ariel.** Rio de Janeiro: II/1, p. 14 out. 1932.

CUNHA, Antônio Geraldo da et al. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

- CUNHA, Celso Ferreira da. **Gramática da língua portuguesa**. 11 ed., Rio de Janeiro: FAE, 1986.
- _____. **Língua portuguesa e realidade brasileira**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.
- _____. **A questão da norma culta brasileira**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.
- _____. **Significância e movência na poesia trovadoresca**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.
- DACANAL, José Hildebrando. **O romance de 30**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979.
- D'ANDREA, Moema Selma. **A tradição re(des)coberta: Gilberto Freyre e a literatura regionalista**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1932.
- DIAS, Augusto Epiphânio da Silva. **Syntaxe histórica portuguesa**. 5 ed., Lisboa: Livraria Clássica, 1970.
- DIEGUES JÚNIOR, Manuel. O menino de engenho. **Estado de Minas**. Belo Horizonte, 14 set. 1959.
- DUBOIS, Jean et al. **Dicionário de lingüística**. São Paulo: Cultrix, 1978.
- DUBY, G. e PERROT, M. (editores). **História das mulheres no Ocidente: o século XX**. V. 5, Porto: Edições Afrontamento, 1991.

- DUCROT & TODOROV, T. **Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem**. São Paulo Perspectiva, 1977.
- DUCROT, Oswald. **Estruturalismo e lingüística**. 2 ed., São Paulo, 1972.
- ____. **Princípios de semântica lingüística**. São Paulo: Cultrix, 1977.
- DUTRA, Lia Correia. **O romance brasileiro e José Lins do Rego**. Lisboa: Seara Nova, 1938.
- EAGLETON, Mary (editor). **Feminist literary theory: a reader**. New York; Brasil: Balckwell.
- ELIA, Sílvio. **Preparação à lingüística românica**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.
- ____. **Sociolingüística: uma introdução**. Rio de Janeiro: Padrão/EDUFF, 1987.
- ____. **O problema da língua brasileira**. Rio de Janeiro: INL, 1961.
- ____. **Ensaio de filosofia e lingüística**. 2 ed., refund. e aum. Rio de Janeiro: Grifo/MEC, 1975.
- ELIADE, M. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. Lisboa: Livros do Brasil, [s. d.]
- ENKVIST, N. et al. **Lingüística e estilo**. São Paulo: Cultrix, 1970.
- ESQUERRA, Raimundo. Uma encuesta sobre el español. **Revista Española de Lingüística**. 6(1): 1976.

- FELDMAN, David. Hacia una análisis de las formas interventivas en español. **Revista Española de Lingüística**. 7 (1):1977.
- FERNANDES, Francisco. **Dicionário brasileiro contemporâneo**. 2 ed., Porto Alegre: Globo, 1965.
- _____. **Dicionário de sinônimos e antônimos da língua portuguesa**. 27 ed., rev. e ampl. por Celso Pedro Luft. Porto Alegre/Rio de Janeiro: Globo, 1984.
- FERNANDES, Francisco. **Dicionário de verbos e regimes**. Rio de Janeiro: Globo, 1987.
- _____. **Dicionário de regimes de substantivos e adjetivos**. 2 ed., Rio de Janeiro: Globo, 1987.
- FERNANDO, J. **Dicionário popular brasileiro**. São Paulo: Ícone, 1987.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FIGUEIREDO, Cândido. **Dicionário da língua portuguesa**. 14 ed., Portugal/Brasil: Bertrand Mérito, 1949, 2 v.
- FISHMAN, J. A sociologia da linguagem. In: FONSECA, M. E. V. da & NEVES, M. F. (org.) **Sociolingüística**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974, p. 25-40.
- FLORENZO, Éverton. **Dicionário de idéias semelhantes**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1961.

- FRANÇOIS, Frédéric. La variable situationnelle. **Linguistique**. Paris, 1980.
- FREI, Henri. **La grammaire des fautes**. Génève: Slatkine, 1971.
- FREITAS, Horácio Rolim de. **Princípios de morfologia**. 2 ed., Rio de Janeiro: Presença, 1981.
- FREYRE, Gilberto. **Perfil de Euclides e outros perfis**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1944.
- FRIEDAN, Betty. **Mística feminina**. Trad. Áurea B. Weissenberg. Petrópolis: Vozes, 1973.
- FUNCK, Susana Bornéo. **Trocando idéias sobre a mulher e a literatura**. Florianópolis: Pós-Graduação em Inglês, UFSC, 1994.
- GARBUGLIO, José Carlos. Fôlego de gato (O regionalismo e suas versões). In: **Acta Semiótica e Lingüística**. São Paulo: Global, 1979.
- GARCIA, Othon M. **Comunicação em prosa moderna**. 11 ed. rev. aum. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1983.
- GARMADI, J. **Introdução à sociolingüística**. Lisboa: D. Quixote, 1983.
- GECKLER, H. **Semántica estructural y teoría del campo léxico**. Madrid: Gredos, 1976.
- GENOUVRIER, Emile & PEYTARD, Jean. **Lingüística e ensino do português**. Trad. por Rodolfo Ilari. Coimbra: Almedina, 1974.

- GESSNER, Michael P. Grammaires du français et de l'anglais parlés contemporains. **Die Neueren Sprachen**. 77 (2): 127-9, 1978.
- GILBERT, Sandra M. e GUBAR, Susan. **The woman writer and the nineteenth century literary imagination**. New Haven: Yale University Press, 1984.
- GOMES, José Maria Barbosa. **Mário de Andrade e a revolução da linguagem: a gramatiquinha da fala brasileira**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1979.
- GONÇALVES, A. J. **Lexicologia e ensino do léxico**. Brasília: Thesaurus, 1977.
- GOUGENHEIM, Georges *et al.* **L'élaboration du français fondamental. (1er degré)**. Paris: Didier, 1964, p. 240-45.
- GREIMAS, A. J. **Semântica estrutural**. São Paulo: Cultrix, 1973.
- GUIRAUD, Pierre. **A semântica**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.
- GUILBERT, Louis. Le lexique. **Langue française**. Paris: [s. ed.], 1969.
- _____. **La créativité lexicale**. Paris: Larousse, 1975.
- HAENSCHI, G. *et al.* **La lexicografía: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica**. Madrid: Gredos, 1982.
- HALLIDAY, M. A. K. *et al.* **As ciências lingüísticas e o ensino de língua**. Petrópolis: Vozes, 1974.

- HAUY, Amini Boainaim. **Da necessidade de uma gramática-padrão da língua portuguesa**. São Paulo: Ática, 1986.
- HOFFMANN, Johann B. **El latín familiar**. Traduzido por Juan Corominas, Madrid: Instituto Nebrija, 1958.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque (org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- HOSS, Mirian da Costa. **Prática de ensino de língua portuguesa**. 2 ed., Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1981.
- HOUAISS, Antônio. **Pequeno dicionário enciclopédico Koogan-Larousse**. 6 ed., Rio de Janeiro: Larousse do Brasil, 1987
- INOJOSA, Joaquim. Esta carta ao Zé Lins. **Jornal do Comércio**. Recife, 4 jun. 1922.
- ILARI, Rodolfo. **A lingüística e o ensino da língua portuguesa**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.
- ISQUERDO, Aparecida Negri. **O fato lingüístico como recorte da realidade sócio-cultural**. Araraquara – SP: UNESP, 1996. (Tese de Doutorado, mimeo.)
- JOTA, Zélio dos Santos. **Dicionário de lingüística**. 2 ed., Rio de Janeiro: Presença; Brasília: INL, 1981.
- JUREMA, Aderbal. O romancista da cana-de-açúcar. **Boletim de Ariel**. Rio de Janeiro: VI/3, p. 73, dez. 1936.

- KATO, Mary A. **No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística**. São Paulo: Ática, 1987.
- KATZ, J. J. e FODOR, J. Estrutura de uma teoria semântica. In: LOBATO, Lúcia. **A semântica na lingüística moderna: o léxico**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- KAYSER, Wolfgang. **Análise e interpretação da obra literária**. 3 ed., Coimbra: Armênio Amado, 1963, v. 1.
- KEMPSON, Ruth. **Teoria semântica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.
- LANGACKER, Ronald W. **A linguagem e sua estrutura**. Petrópolis: Vozes, 1977.
- LAPA, M. Rodrigues. **Estilística da língua portuguesa**. São Paulo: Martins Fontes, 1982.
- LEITE, Miriam Lifchtiz Moreira. **A outra face do feminismo: Maria Lacerda de Moura**. São Paulo: Ática, 1984.
- LEMLE, Mirian. **Heterogeneidade dialetal: um apelo à pesquisa**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1978.
- LEON, Pierre. Aspects phonostilistiques des niveaux de langage. In: RIGAULT, André (éd.). **La grammaire du français parlé**. Paris: Hachette, 1971. P. 149-59.
- LEPSCHY, Giulio C. **A lingüística estrutural**. 2 ed., São Paulo: Perspectiva, 1975.

- LEROY, Maurice. **As grandes correntes da lingüística moderna**. 5 ed., ver. São Paulo: Cultrix, 1971.
- LESSA, Rocha. Gramática normativa da língua portuguesa. 25 ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.
- LEVI-STRAUSS, C. **Antropologia cultural**. 3 ed., Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.
- LIMA, Alceu D. Denotação e conotação. In: **Revista de Cultura Vozes**. Petrópolis: Vozes, (2): 35-40, 1972.
- LINS, Álvaro. Sucessos e insucessos do menino de engenho. In: **Os mortos de sobrecasaca**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.(Ensaio e Estudos – 1940-1960).
- LISBOA, Henriqueta et al. **Guimarães Rosa**. Belo Horizonte: Centro de Estudos Mineiros, 1966.
- LOBATO, Lúcia. **Lingüística e ensino do vernáculo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.
- _____. **A semântica na lingüística moderna: o léxico**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1977.
- LOPES, Edward. **Fundamentos da lingüística contemporânea**. São Paulo: Cultrix, 1972.
- LOUSADA, Wilson. Breve notícia – vida de José Lins do Rego. In: REGO, José Lins do. **Romances reunidos de José Lins do Rego**, introdução. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960.

- LUCENA, Geralda Soares. **O léxico da pesca em Cabedelo**. João Pessoa: UFPB, Diss. (Mestrado).
- LUZ, José Batista da. **Dicionário popular brasileiro**. 39 ed., rio de Janeiro: Presença; Brasília: INL, 1981.
- LYONS, J. **Semântica estrutural**. Lisboa: Presença, 1973.
- _____. **Introdução à lingüística teórica**. São Paulo: Nacional/Editora da Universidade de São Paulo, 1979.
- _____. **Linguagem e lingüística**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- MAMMBERG, Bertil. **As novas tendências da lingüística: uma orientação à lingüística moderna**. Trad. de Francisco da Silva Borba. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974.
- MARCELLESI, J. B. & GARDIN, B. **Introdução à sociolingüística. A lingüística social**. Lisboa: Editorial Aster, 1975, p. 307.
- MARIZ, Romeu. Nas margens do Paraíba. O ciclo da cana. **A União**, João Pessoa: 1936.
- MARQUES Jr., Milton. **O ser e o fazer na obra ficcional de Lins do Rego. (Dicionário dos Personagens)**. João Pessoa: FUNESC, 1990.
- _____. A criação dos personagens em José Lins do Rego. In: **Revista de Cultura Vozes**. Ano 85, v. 85. Petrópolis: Vozes, 1992.
- MARQUES, Maria Helena Duarte. **Iniciação à semântica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

- MARTINET, André. **Elementos de lingüística ao ensino de língua**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.
- MARTINET, André. **Elementos de lingüística geral**. 8 ed., São Paulo: Martins Fontes, 1978.
- _____. **A lingüística sincrônica**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1974.
- MARTINS, Eduardo. **José Lins do Rego – o homem e a obra**. João Pessoa: Secretaria da Educação e Cultura, 1980.
- MASSELOT, Pierre. **Pour une approche du système scolaire de la prosodie du journal parlé**. Langue française. Paris: 91-100, 1975.
- MATORÉ, G. **La méthode en lexicologie**. Paris: Didier, 1953.
- MEDEIROS, Manuel Batista de. Lins do Rego viveu o romance da vida para depois trazer a sua vida para o romance. In: **Idéias, pessoas, coisas**. João Pessoa: A imprensa, 1961.
- MELO, Gladstone Chaves de. A língua literária. In: **A língua do Brasil**. Rio de Janeiro: Agir, 1946.
- _____. **Gramática fundamental da língua portuguesa**. 5 ed., Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.
- _____. **Iniciação à filosofia e à lingüística portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.
- MELO, Marilene Carlos do Vale. **Do trágico e do lírico em *Fogo Morto e Pureza***. João Pessoa: UFPB, 1979, Diss. (Mestrado).

- MELLO, Linalda de Arruda. (org.) **Sociedade, cultura e língua:** ensaios de sócio e etnolingüística. João Pessoa: Shorin, 1990.
- MELLO, Virgínius da Gama e Autores e livros paraibanos. In: **O romance nordestino e outros ensaios.** João Pessoa: Editora Universitária – UFPB, 1980, p. 57-63.
- ____. **Estudos críticos.** João Pessoa: Editora Universitária – UFPB, 1980.
- MAIS, João Domingos. **A mulher escrita:** uma relação poética sobre a mulher. Rio de Janeiro: Thex, 1996.
- MOISÉS, Massaud. **A criação literária.** São Paulo: Melhoramentos, 1967.
- MOI, Toril. **Sexual/Textual Politics: feminist literaty theory.** New York: Methuen, 1986.
- MOREAU, Marie-Louise. Français oral et français écrit, deux langues différents? In: **Le français moderne**, 45, 1977.
- MONTELO, Josué. O romancista José Lins do Rego. In: REGO, José Lins do. **Ficção completa de José Lins do Rego.** Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1976, v. 1.
- MONTENEGRO, Olívio. José Lins do Rego. In: **O romance brasileiro.** 2 ed., ver. e aum. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953.
- MOUNIN, Georges. **A lingüística do século XX.** Lisboa: Presença; São Paulo: Martins Fontes, 1972.

- MOURA, F. Hugo. Alimentação e linguagem popular. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano**. João Pessoa: n° 17, 54-71,1970.
- _____. Contribuição ao estudo do linguajar paraibano. **Revista da Faculdade de Filosofia da Paraíba**. João Pessoa: 2(4)1964.
- MUZART, Zahidé Lupinacci (org. et al). **Fazendo gênero: seminário de estudos sobre a mulher**. Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 1996.
- NONATO, Raimundo. **Calepino potiguar – gíria norte-riograndense**. Mossoró: Fundação Guimarães Duque, 1980.
- NUNES, José Joaquim. **Compêndio de gramática histórica**. 8 ed., Lisboa: Clássica, 1975.
- ODILON, Marcus (org.) **Camumbembe e seus parentes**. Belém: Falangola, 1997.
- OGDEN, C. K. & RICHARDS, I. A. **O significado de significado: um estudo da influência da linguagem sobre o pensamento e sobre a ciência do simbolismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.
- OLIVEIRA, Maria Manuela Moreno de. **Processo de intensificação no português contemporâneo**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1962.
- OLIVEIRA, Alzir. **O léxico da rapadura**. Rio de Janeiro: Diss. (Mestrado), 1978.

- OLÍVIA, Madre et al. **Uma gramática de texto**. Petrópolis: Vozes, 1984.
- _____. **Análise semântica**. 4 ed., Petrópolis: Vozes, 1982.
- ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira & identidade nacional**. 5 ed., São Paulo: Brasiliense, 1994.
- PACHECO, João. **O mundo que José Lins do Rego fingiu**. Rio de Janeiro: São José, 1958.
- PAES BARRETO, José Ricardo et al. **Padroeiros pernambucanos**. Recife, barauína, 2004.
- PAUL, H. **Princípios fundamentais da história da língua**. 2 ed., Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.
- PEREGRINO, Júnior. Língua e estilo em José Lins do Rego. **Revista do Livro**, nº 35, Rio de Janeiro: INL, 1968.
- PEREIRA, Eduardo Carlos. **Gramática expositiva**. 47 ed., São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1926.
- _____. **Gramática histórica**. 10 ed., São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937.
- PEREIRA Francisco Caetano. **Subordinação e gênero**. Trad. E ver. Conceição Gontijo Lacerda. Recife : Liceu, 2001.
- PEREIRA, Lucia Miguel. **História da literatura brasileira: prosa de ficção de 1870 a 1920**. V. XII. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1957.

- PEYTARD, Jean. Pour une typologie des messages oraux. In: RIGAULT, André. **La grammaire du français parlé**. Paris: Hachette, 1971.
- _____. Le français parlé, langue et usage. In: **Le français moderne**. Paris: Artrey, 1977.
- _____. Situer l'oral. In: **Le français moderne**. Paris: Artrey, 1977.
- PEREIRA DA COSTA, F. A. **Vocabulário pernambucano**. Recife: Imprensa Oficial, 1937.
- PINTO, Cristina Ferreira. **O Bildungsroman feminino: quatro exemplos brasileiros**. São Paulo: Perspectiva, 1990. (Coleção Debates).
- PINTO, Luiz. José Lins do Rego. In: **Antologia da Paraíba**. Rio de Janeiro: Minerva, 1951.
- PONTES, Eunice. **Estrutura do verbo no português coloquial**. 2 ed., Petrópolis: Vozes, 1973.
- PONTES, Maria das Neves Alcântara de. **Lexicologia e significação: posições teóricas**. João Pessoa: Editora Universitária/Idéia, 2002.
- _____. **Linguagem regional/popular: uma visão léxico-semântica de Menino de engenho**, de José Lins do Rego. João Pessoa: CEFET-PB, 2002.
- PONTES, Maria das Neves A. de. **A influência da língua falada em Menino de engenho, de José Lins do Rego**. João Pessoa: Academia Paraibana de Letras, 1992.

- _____. Visitando José Lins do Rego e seu *Menino de engenho*. In: **Revista da Academia Paraibana de Letras**. Nº 11, João Pessoa, 1994.
- _____. Definição por comparação: uma aplicação à obra *Menino de engenho* de José Lins do Rego. **Letras Interdisciplinaridade**. João Pessoa, UFPB/CCHLA, 1995.
- POTTIER, Bernard et al. **Estruturas lingüísticas do português**. 3 ed., São Paulo – Rio de Janeiro: DIFEL, 1975.
- POTTIER, Bernard. **Lingüística geral: teoria e descrição**. Rio de Janeiro: Presença Universidade Santa Úrsula, 1978.
- _____. **Presentación de la lingüística**. Madrid: Alcalá, 1968.
- PRETTI, Dino. **Sociolingüística: os níveis da fala**. Ed. rev. e mod. São Paulo: Nacional, 1982.
- PROENÇA, Ivan Cavalcanti. **Abordagens de textos literários**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.
- QUINTAS, Fátima. **A mulher e a família no final do século XX**. Apresentação de Mario Souto maior. Recife: Fundação Joaquim Nabuco ./ massagana 2000.
- REGO, José Lins do. **Menino de engenho**. 37 ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- REY, Alain. **La lexicologie**. Paris: Klincksiek, 1976.
- REY-DEBOVE, J. Léxico e dicionário. **Alfa: revista de lingüística**. São Paulo. 1984.

- RISSO, Mercedes Sangelice. **A representação da fala dos personagens em *Fogo morto*, estatuto lingüístico e literário.** São Paulo: USP, 1978, Diss. (Mestrado).
- RIVENC, Paul. Lexique et langue parlé. In: RIGAULT, André (ed.) **La grammaire du français parlé.** Paris: Hachette, 1971.
- ROBIN, Regine. **História e lingüística.** Trad. de Adélia Bolle e colab. Marília Pereira. São Paulo: cultrix, 1977.
- ROBINS, R. H. **Lingüística geral.** 2 ed., Porto Alegre: Rio de Janeiro: Globo, 1981.
- ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. **Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares.** Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- ROCHA, Maria de Fátima Barros da. **O espaço do engenho e os outros espaços em *Usina*, de José Lins do Rego.** João Pessoa: UFPB, 1988, Diss. (Mestrado).
- RONAI, Paulo. De Menino de engenho a Pedra bonita, estatuto. In: REGO, José Lins do. **Pedra bonita.** 9 ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1979, p. 8-25 (Col. Sagarana, 53).
- RUWET, Nicolas. **Introdução à gramática gerativa.** São Paulo: Perspectiva; Ed. da Universidade de São Paulo, 1975.
- SCHMIDT, Rita. Repensando a cultura, a literatura e o espaço da autoria feminina. In: NAVARRO, Márcio Hoppe (org.). **Rompendo o**

- silêncio: gênero e literatura na América Latina.** Porto Alegre: UFRGS, 1995.
- SALVADOR, Gregório. La investigación de textos hablados. **Revista española de lingüística.** 7(2): 59-68, 1977.
- SAMPAIO, A. J. de. **A alimentação sertaneja e do interior da Amazônia:** onomástica da alimentação rural. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944. (Brasiliana, 238).
- SANTANA, Martha M. Falcão de Carvalho e Morais. **Nordeste, açúcar e poder, um estatuto da oligarquia açucareira na Paraíba (1920-1962).** João Pessoa: CNPq/UFPB, 1990.
- SAPIR, Edward. **A linguagem:** introdução ao estudo da fala. Trad. de J. Mattoso Câmara Júnior. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- _____. **Lingüística como ciência.** Rio de Janeiro: Liv. Acadêmica, 1961
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral.** 12 ed., São Paulo: Cultrix, 1975.
- SAUKKONEN, P. Spoken and written language. **Folia lingüística.** 11 (3/4): 1977.
- SAUVAGEOT, Aurélien. **Français écrit – français parlé.** Paris: Larousse, 1962, p. 142-63.
- SCHAFF, Adam. **Introdução à semântica.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

- SCHIMIDT, Siegfried. J. **Linguística e teoria do texto**: os problemas de uma linguística voltada para a comunicação. São Paulo: Pioneira, 1978.
- SCOTT, Joan. História das mulheres. In: **A escrita da história: novas perspectivas**. Peter Burke (org.) Trad. Magda Lopes. São Paulo: editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.
- SHOWALTER, Elaine. **Anarquia sexual: sexo e cultura no *fin de siècle***. Trad. Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- SILVA, Antônio de Moraes. Dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: **Revista de Língua Portuguesa**. 1922. 2 v. (Edição Fac-similada Segunda edição de 1813).
- SILVA, Euclides Carneiro da. **Dicionário de locuções da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Bloch, 1975.
- SILVA NETO, Serafim da. **História da língua portuguesa**. 4 ed., Rio de Janeiro: Presença; Brasília: INL, 1986.
- _____. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil**. Rio de Janeiro: Presença; Brasília: INL, 1976.
- _____. **História do latim vulgar**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1977.
- _____. **Fontes do latim vulgar: o *appendix probi***. 3 ed., aum. e rev. Rio de Janeiro: INL/MEC, p. 241-268.

- SIQUEIRA, Elizabeth Santos et al. **Um discurso feminino no possível: pioneiras em Pernambuco (1830-1910)** Recife: ed. Universitária da UFPE, 1995. 193p
- SOBREIRA, Ivan Bichara. **O romance de José Lins do Rego: ensaio.** 2 ed., João Pessoa: A União, 1979.
- SODRÉ, Nelson Werneck. José Lins do Rego. In: **Orientação do pensamento brasileiro.** Rio de Janeiro: Vecchi, 1952, p. 123-49.
- SOUTO MAIOR, Mário. **Dicionário folclórico da cachaça.** Recife: s/ed., 1973.
- _____. **Dicionário do palavrão e termos afins.** Pref. De Gilberto Freyre. 5 ed., Rio de Janeiro: Record, 1990.
- TARALLO, F. **A pesquisa sociolingüística.** São Paulo: Ática, 1986.
- TELLES, Norma. Autor + a. in: JOBIN, José Luis et al. **Palavras da crítica.** Rio de Janeiro: Imago, 1992, p. 45-63.
- _____. **Encantações: escritoras e imaginação literária no Brasil, século XIX.** São Paulo: PUC, 1987.(Tese doutorado).
- TODOROV, T. et al. **Semiologia e lingüística.** Petrópolis: Vozes, 1972.
- TODD, Janet. **Feminist literary history.** New York: Routledge, 1988.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos et al. **Metodologia e prática de ensino da língua portuguesa.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984.
- ULLMANN, Stephen. **Semântica: uma introdução à ciência do significado.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

- VANOYE, Francis. **Usos da linguagem**: problemas técnicos na produção oral e escrita. 5 ed., São Paulo: Martins Fontes, 1985.
- VASCONCELOS, Otília Idalina M. de. **O léxico da cana-de-açúcar**: estudo comparativo de duas comunidades açucareiras. Porto Alegre: 1981, Diss. (Mestrado).
- VERDELHO, Evelina. **Linguagem regional e linguagem popular no romance regionalista**. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica/Centro de Lingüística da Universidade de Lisboa, 1982, p. 5.
- VIDAL, Ademar. A vida rural fixada nos nossos romances. **Boletim de Ariel**. Rio de Janeiro, IV/4, p. 99-100, jan. 1915.
- VILANOVA, José Brasileiro Tenório. **Linguagem e estilo de um menino de engenho**. Recife: Imprensa Universitária, 1962.
- VILELA, Mário. **Estruturas léxicas do português**. Coimbra: Almedina, 1979.
- _____. **O léxico da simpatia**. Porto: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1980.
- _____. **Estudos de lexicologia do português**. Coimbra: Almedina, 1994, p. 9-49.
- WARD, Teresinha Souto. **O discurso oral em Grande Sertão – Veredas**. São Paulo: Duas Cidades; Brasília: INL, Fundação Pró-Memória, 1984.

WOOLF, Virgínia. **Um teto todo seu**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

XAVIER, Elódia (org.) **Anais do VI Seminário nacional mulher e literatura**. Rio de Janeiro: NIELM/UFRJ, 1995.

YNDURAIN, Francisco. Sobre el lenguaje coloquial. **Español actual**. 3: 2-3, 1964.

ZAMBONIM, D. J. O léxico do “ribeirinho” amazônico: um exemplo de sustentação de valores. **Alfa – Revista de lingüística**. São Paulo, v. 35, 1991.

_____. **Léxico específico e cultura regional: um exemplo amazônico**. São Paulo: USP. (Tese de Doutorado, mimeo.)

DADOS SOBRE AUTORA

Maria das Neves Alcântara de Pontes

- Graduação em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa;
- Especialização em Língua Portuguesa e Lingüística Aplicada à Língua Portuguesa (UFPB);
- Mestrado em Língua Portuguesa e Lingüística Aplicada à Língua Portuguesa (UFPB);
- Doutorado em Letras Área de Concentração Lingüística e Língua Portuguesa (UNESP / Araraquara SP) Subárea; Lexicologia /Semântica / Geo-Etno – Sociolingüística;
- Pós-Doutorado – Lexicologia / Lexicografia e Terminologia sob a orientação da Profa. Dr^a. Nelly Carvalho (UFPE);
- Professora em Nível de Graduação e Pós-Graduação na UFPB, com linha de pesquisa voltada para a área de Lexicologia / Semântica e Falares Regionais junto ao programa de Pós-Graduação em Lingüística / UFPB;
- Professora do Mestrado Interinstitucional - UFPB/Funeso/Programa de Pós-graduação em Lingüística – UFPB;
- Professora Visitante do COESP/PB;
- Professora de Pós-Graduação (Latu Sensu) da Escola de Aperfeiçoamento Profissional da Associação Brasileira de Odontologia – ABO – Seção Paraíba;
- Professora de Pós-Graduação (Latu Sensu) da Fundação Santa Apolônia / NEAO/PB (disciplinas Metodologia da Pesquisa Aplicada às referências da saúde / Didática da Língua Aplicada a Saúde;

- Pesquisadora com Diretório de Pesquisa na UFPB e no CEFET/PB, com o Projeto LINGUAGEM E CULTURA REGIONAIS: Uma Visão Léxico-Semântica;
- Orientadora de Monografias, Dissertações e Teses;
- Consultora da Revista do DLCV – CCHLA – UFPB;
- Consultora da Revista de Pós-Graduação – Paraíba/PB;
- Membro Revisor *ad hoc* da Revista Principia do CEFET-PB;
- Membro da comissão da Banca Examinadora do Concurso Vestibular / COPERVE UFPB – área de Lingüística e Língua Portuguesa;
- Membro da Associação Brasileira de Lingüística ABRALIN;
- Membro da Associação Portuguesa de Lingüística APL;
- Membro do Grupo de Estudos Lingüísticos do Nordeste – GELNE;
- Participação em Bancas Examinadoras de Monografias, Dissertações e Teses;
- Participação em Bancas de Concurso Público para professor na UFPB e na UEPB;
- Participação em Congressos, Simpósios, Conferências e Eventos Científicos Nacionais e Internacionais;
- Publicação de artigos em Revistas e Periódicos Nacionais e Internacionais.

Ministra as disciplinas Língua Portuguesa, Língua, Cultura e Sociedade, Seminários de Pesquisa, Semântica e Texto, Lexicologia e Semântica, Dialectologia, Metodologia da Pesquisa, entre outras.

Publicações: Livros

- Linguagem Regional / Popular
- Lexicologia e Significações, Posições Teóricas
- Influência da Língua Falada, no Léxico de Menino de Engenho
- Dicionário Lingüístico Literário de Temos Regionais Populares
- Glossário Regional / Popular da Obra de São Bernardo, de Graciliano Ramos